

DISSERTAÇÃO
PHILOSOPHICA E CRITICA

A' CERCA

DA FORÇA MEDICATRIZ DA NATUREZA.

THESE

A PRESENTADA E PUBLICAMENTE SUSTENTADA

PERANTE A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

NO DIA 9 DE DEZEMBRO DE 1851,

PELO DOUTOR

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA LIMA,

FILEO LEGITIMO DE MANOEL FRANCISCO DA SILVA,

E NATURAL DA PROVINCIA DA BEIRA (PORTUGAL)

Opinionum commenta delet dies; natura
vero judicia confirmat.

(CICERO.)



BAHIA

TYPOGRAPHIA DE CARLOS POGGETTI,

Rua do Julião n. 32.

1851

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

DIRECTOR

O Sr. Dr. João Francisco de Almeida.

LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES	1.º ANNO.	MATERIAS QUE LECCIONÃO.
Manoel Mauricio Rebouças	Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.	
Vicente Ferreira de Magalhães	Physica Medica.	
2.º ANNO.		
Eduardo Ferreira França, <i>Examinador</i>	Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.	
Jonathas Abbott.	Anatomia geral e descriptiva.	
3.º ANNO.		
Jonathas Abbott	Anatomia geral e descriptiva.	
Justiniano da Silva Gomes.	Physiologia.	
4.º ANNO.		
José Vieira de Faria Aragão Ataliba	Pathologia interna.	
Manoel Ladislão Aranha Dantas, <i>Examinador</i>	Pathologia externa.	
Joaquim de Souza Velho, <i>Presidente</i>	Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.	
5.º ANNO.		
Francisco Marcellino Gesteira	Partos, molestias de mulheres pejadas, e de meninos recém-nascidos.	
João Jacinto de Alencastre	Medicina operatoria, apparatus, e Anatomia Topographica.	
6.º ANNO.		
João Baptista dos Anjos	Hygiene, e Historia da Medicina.	
João Francisco de Almeida	Medicina legal.	
João Antunes de Azevedo Chaves	Clinica externa, e Anatomia Pathologica respectiva e annexa ao 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º annos.	
Antonio Polycarpo Cabral.	Clinica interna, e Anatomia Pathologica respectiva e annexa ao 3.º e 6.º annos.	

LENTES SUBSTITTUOS.

Malaquias Alvares dos Santos	} Secção de sciencias accessorias.
Salustiano Ferreira Souto	
Mathias Moreira Sampaio, <i>Examinador</i>	} Secção Cirurgica.
Elias José Pedrosa.	
Alexandre José de Queiroz.	} Secção Medica.
Antonio José Ozorio	

SECRETARIO.

O Sr. Dr. Prudencio José de Souza Brito Cotigipo.

A' MINHA FAMILIA.

Saudade...

A' MEU MEU PRECADO TIO

O SENHOR

DOMINGOS JOSÉ DA SILVA LIMA,

Reconhecimento e gratidão eterna,

AOS MEUS AMIGOS,

Consideração e estima

DE

J. F. DA SILVA LIMA.

PREFACIO.



I, em vez de cumprir um dever que me impoem a lei, eu aspirasse á gloria e renome, nunca este escripto veria a luz da imprensa, porque é certamente o menos proprio para tirar da obscuridade um nome desconhecido.

Desprovido das qualidades que constituem o verdadeiro talento, isto é, aquelle que, em vez de circum.serever-se no horizonte facticio de uma erudição presumpeçosa, e repousar á sombra da baliza dos conhecimentos amontoados pelos seculos, alarga o circulo das idéas, criando novas cousas, e descobrindo novas relações entre as já conhecidas; sem o habito da observação, especie de sentido novo, que resume todos os outros, e guia o espirito atravez de ignotas regiões em busca de verdades ignoradas; sem estes predicados, o que poderá appresentar um estudante, no fim da sua carreira eschol.r, que seja novo, e que accrescente os haveres da sciencia? Absolutamente nada. Felizmente a lei não exigiu a *originalidade*, e n'isto se houve com summa prudencia.

Tendo eu a liberdade de escolher o assumpto para a minha prova final, o que havia de fazer? Lançar mão de uma Nosographia, e copiar aqui uma molestia qualquer, que outros observaram e descreveram antes de mim, e melhor do que eu o poderia fazer? Seria expor-me a desfigurar o original pela incorrecção da copia, porque, em medicina, quem descreve sem ter observado muito, assemelha-se ao pintor inhabil que, vendo-se na necessidade de retratar á quem nunca viu, só por uma copia que pode obter, emprega todo o seu talento artistico em reproduzir, muitas vezes, as incorrecções do traslado, em tornar mais frizantes e exageradas as feições menos caracteristicas, ou em exagerar aquelles toques e traços que menos avultam no original, e que menos individualizam a physionomia; em vez de um retrato faz apenas uma caricatura.

Não querendo nem podendo encerrar-me nos limites estreitos de uma *monographia* d'este genero, decidi-me á lidar com algum principio geral, em que podesse o espirito folgar mais á vontade, livre d'essa especie de gravitação com que o prende o positivismo.

A questão que tomei por objecto do meu trabalho não é menos difficil que importante; é uma questão que em nenhuma outra epocha poderia offerrecer mais interesse do que na actual, em que os espiritos, já cançados do longo debate dos systemas exclusivos, arrojam-se para o campo da observação e da experiencia, e medem o alcance das theorias pelo dos factos demonstrados. A presente epocha é eminentemente eclectica, e para avaliar devidamente o valor relativo dos systemas therapeuticos, é mister primeiro examinar como, e até que ponto o organismo vivo, por si só, é capaz de resistir ás causas morbificas, ou de destruir a sua acção quando não pode evital-a, isto é, determinar qual a parte que toma, na cura das molestias, a—*força medicatriz da natureza*.—É esta uma questão á que se tem dado pouca importancia, e todavia é ella tão antiga como a medicina, e tão interessante como os mais preciosos dos seus dogmas.

Ao encetar este trabalho não contei com muitas difficuldades que só a continuação do estudo me fez descobrir, e já em tempo em que não era possivel recuar. Foi então que, em toda a sua nudez se manifestou a insufficiencia dos meus conhecimentos theoricos e praticos, para tractar menos imperfeitamente um objecto de tal magnitude. Sem desanimar, fui até onde pude; á outros mais bem aquinhoados resta a gloria de concluir o que eu apenas tentei esboçar.

Para a execução do meu trabalho não achei modelo que imitar: o que escrevi é baseado em idéas que achei dispersas pelos annaes da sciencia. A minha these não é portanto, nem podia ser outra cousa senão o resultado de alguma leitura e de alguma reflexão, tal como a pôde permitir a escacez dos recursos intellectuaes de que pude dispor, e a falta d'aquella madureza de espirito que só a practica e os annos podem trazer.

A'quelles que a lerem, peço toda a indulgencia para os erros e faltas que n'ella hão de necessariamente encontrar, como obra que é de principiante, que não teve por si mais que a boa vontade e algum trabalho bem intencionado; pela minha parte ficarei satisfeito, se ao menos fôr comprehendido n'esta sentença de Burke:—*Though a writer may be wrong himself, he may chance to make his errors subservient to the cause of truth.*



DISSERTAÇÃO

PHILOSOPHICA E CRITICA

A' CERCA

DA FORÇA MEDICATRIZ DA NATUREZA.

I.

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS.

Nothing is known in our profession by guess, and I do not believe, that, from the first dawn of medical science to the present moment, a single correct idea has emanated from conjecture alone.

SIR ASTLEY COOPER—*On disloc. and fract.* p. 86.

Desde o berço da medicina, não obstante as revoluções do tempo, e da experiencia, prevaleceu em todas as escholas o dogma fundamental, que a natureza prové optimamente no refrigério das nossas queixas.

FERREIRA BRAGA. *Instit. de Path. geral.* p. 278.



DEPOIS de haverem os philosophos da antiguidade tentado interpretar e traduzir para a linguagem commum das intelligencias vulgares, com mais ou menos apparencia de verdade, e conforme lh'ò permittia, n'aquellas eras tenebrosas, a escacez ou quasi falta absoluta dos meios de observação que hoje conhecemos, essa outra linguagem, tantas vezes ambigua, obscura, e apparentemente contradictoria com que a natureza nos falla por seus phenomenos, infinitamente

variados na fórma ou na essencia: depois de haverem construido, sobre o terreno moveção de sua fertil e poetica imaginação, theorias e systemas que abrangessem os factos reaes e mesmo os suppostos, e que lhes não fizessem consumir, na observação das cousas, o tempo reservado à discussão dos principios, segundo o gosto da epocha; depois de haverem contemplado por largo espaço o mundo physico, material, que directamente lhes fallava aos sentidos, e de lhe terem dado tantas leis quantas as hypotheses que cada um, à seu bel-prazer, imaginava—foi então que lançaram suas vistas para esse outro mundo em miniatura, para o *microcosmo*, que se move, sente e pensa, que alternativamente ri e chora, o qual não menos os maravilhou do que esse outro mundo gigante, immenso, em que primeiro ensaiaram os vacillantes e discordes esforços da sua razão. O homem começou a ser para elles um digno objecto de estudos especiaes e de aturadas meditações. Começaram a estudal-o nas suas faculdades, nos seus actos, nas suas paixões, indoles, e inclinações diversas, por um lado, e por outro, no modo porque se executam as suas funcções, no estado de saúde ou no de doença; d'este estudo resultou uma physiologia obscura, como o podia ser n'aquellas remotas eras, e uma pathologia informe e grosseira.

A medicina, empirismo cego até então, rodeada de practicas absurdas, e exercida apenas por aquelles que conheciam um certo numero de drogas, ou de remedios occultos, à que attribuiam virtudes singulares, entrou no dominio da philosophia, cujo objecto era, n'aquelle tempo, nada menos do que tudo o que era susceptivel de ser estudado. Os philosophos descobriam, no estudo do homem são e do homem doente, nova origem de conhecimentos de que se aproveitavam na resolução dos seus problemas philosophicos, na construcção de novas theorias, ou no aperfeiçoamento das antigas. Por tal arte se achavam ligadas a philosophia e a medicina, que reciprocamente se explicavam, e prestavam mutuo auxilio. As doutrinas philosophicas reinantes eram applicadas à medicina, cujos factos, mal observados, justificavam os principios theoricos, pela apparente conformidade que entre aquelles e estes se suppunha existir. Pythagoras applicava às funcções e ás doenças do corpo humano a theoria dos numeros, que aprendera dos Chaldeus; d'ahi nasceram os *annos climatericos*, à que elle attribuia extraordinaria influencia, não só nas differentes mudanças do corpo, mas até nas da fortuna; d'ahi proveio igualmente o emprego dos numeros na computação dos *dias criticos*, doutrina que gozou de tão longa celebridade. Um dos discipulos de Pythagoras, Empedocles, serviu-se egualmente em medicina da sua theoria dos quatro elementos, que por largo tempo reinou nas escholas. Ficou assim a medicina, por muitos annos, envolta em uma ontologia nebulosa e disconnexa, reduzida á um mon-

tão confuso de abstracções inextricaveis, que cada philosopho ampliava e modificava à seu sabor.

Todos esses modos de explicar os differentes estados do organismo, todas essas theorias que a historia nos conservou, ou fossem ou não strictamente applicadas à cura das enfermidades, o certo é que, sendo as leis que regem a economia sempre as mesmas, as numerosas curas que faziam esses medicos-philosophos, não eram certamente resultados necessarios da applicação das suas doutrinas. Essas leis são anteriores a toda theoria e a todo systema creado pelos homens, tão funestamente propensos à adorar o erro pela imagem da verdade e a envolver nas sombras da sua ignorancia a realidade das cousas. É que, não só n'essa epocha, mas ainda por muitos seculos depois, suppriu a imaginação o que faltava de experiencia e de observação directa. É que as chimeras, arbitrariamente creadas pela phantasia, vinham occupar o logar destinado à verdade, cujos fóros assumiam com o tempo e com o auxilio da nimia credulidade, a qual reduzia o espirito à inacção, pois que, contentar-se com simples opiniões recebidas de outrem, sem exame ulterior, ou satisfazer-se com uma explicação qualquer, é cahir na inercia e no repouso.

Da avidéz natural com que o homem procura as causas primeiras, e da impossibilidade de lá chegar directamente, sem que preceda o insano trabalho de analysar, um por um, todos os phenomenos e suas relações diversas, resulta que uma multidão de theorias nascem, reinam despoticamente, e morrem a final para ceder o logar á outras que vão correr a mesma fortuna. N'este perpetuo trabalhar agita-se o espirito humano ha muitos seculos, ardendo no incessante desejo de remontar até à verdade, e, como o Tantalos da fabula, baixando da altura das suas concepções ousadas, até ao nivel da sua impotencia, sem saciar a sêde que o abraza.

Marchar dos effeitos para as causas, procural-as em suas multiplicadas manifestações, analysal-as, uma á uma, na immensa cadeia que as prende á uma só, da qual todas as outras se constituem resultados, é, por certo, uma tarefa que faz recuar o ingenho mais ousado, si lhe falta o valor e a energia para fazer à humanidade o sacrificio de uma vida inteira; ingenhos d'estes surgem de século em século, raros mas brilhantes como estrellas solitarias refulgindo por entre trevas.

Marchar dos effeitos para as causas, diz um escriptor moderno, é estudar a natureza ás avessas (1). Serà verdade, porém não o é menos o ser este o unico

(1) O Sr. Chardel é um Advogado francez, que tomou á peito fazer o inventario das sciencias physicas e physiologicas, mostrar que ellas teem sido estudadas ao envez do que o deveram ser, e construir um novo e melhor programma de estudo.

rumo possível que possa tomar o espirito humano; e tanto assim é que o mesmo escriptor, tentando estabelecer a marcha inversa, isto é, da causa para o effeito, enuncia apenas aquellas verdades que a physica e a chimica elevaram á categoria de leis, pela observação e pela experiencia, isto é, marchando do effeito para a causa.

Certamente, si os primeiros Physicos e Chemicos tivessem podido chegar às leis mais geraes que se conhecem na materia, sem ter feito passar a natureza por um apertado *interrogatorio*, para convencer-a de nos haver por tanto tempo occultado aquelles segredos, negando à humanidade as immensas vantagens que d'elles poderia ter collido mais cedo, que afanosos trabalhos, que innumeradas fadigas não teriam poupado à si proprios e aos seus successores. Mas como chegar até là? A' não ser por advinhação, havia de ser pela observação e pela experiencia, fecundadas pelo raciocinio.

Este *novo methodo* de estudar a natureza não é tão novo como parece, porque ja o haviam posto em practica os philosophos da antiga Grecia. A theoria numerica de Pythagoras, as diversas combinações dos quatro elementos — fogo, ar, terra e agua de Empedocles, os atomos e o vasio de Lencippo e Democrito, com que tudo se explicava, não foram principios inaugurados pela observação nem pela experiencia. Quando estas faltam é a imaginação o unico resfolegadouro possível que resta ao espirito, o qual então se affoga em um mar de hypotheses, e a sciencia traja as galas do romance, como si a realidade nos maravilhasse menos do que as illusões voluntarias com que douramos o feio da nossa ignorancia (2).

Apezar das extraordinarias theorias medicas, filhas das philosophicas, nem por isso deixava a medicina de ser uma arte empirica. Não havia outra razão de applicar um medicamento, senão a de lhe ter visto produzir effeitos salutaes em certas enfermidades, effeitos revelados, antes pelo accaso que previstos pela sciencia.

Si reflectirmos que, nem era conhecida a natureza das molestias, nem o modo de acção dos medicamentos empregados contra ellas, e que os doentes eram expostos nas estradas ou às portas dos templos para que os viandantes lhes dessem conselhos, ou eram tratados somente com practicas religiosas, ou antes supersticiosas, poderemos crer que as curas, assim effectuadas, eram, pela maior parte, devidas às proprias forças do organismo, à constituição robusta dos homens de então, aos quaes isso á que impropriamente se chama

(2) . . . laws, as observed, are stranger than principles, as imagined. (Prof. Walshe Logie. applic. of physiol. to pathology. *Medical Times*—Octob. 1—1849.

civilização moderna, ainda não havia ensinado os mil modos que possuímos hoje de gastar mais depressa as forças e a vida (3).

A marcha da medicina, como sciencia, devèra ser outra: em vez de procurarem na natureza a realidade de suas concepções, deviam antes os medicos buscar na propria natureza, uma á uma, todas as letras do seu alphabeto, reunil-as em grupos, e penetrar o verdadeiro sentido da sua muda linguagem. Dado este primeiro passo, patente estava o caminho que conduz à perfeição da sciencia. A necessidade de observar em medicina foi comprehendida por um grande homem, um genio vasto, que sentiu em si bastante força para despir o seu espirito das theorias dos philosophos, e sahir só ao campo da observação à colher elementos, com que podesse firmar em mais solidas bases o edificio da sciencia, a qual, só pelo facto de tomar um ponto de apoio fóra da esphera das doutrinas philosophicas então professadas, não podia continuar à ser dominada por ellas. Foi uma verdadeira emancipação. Essas doutrinas não passam hoje de monumentos historicos dos erros do espirito humano, ao passo que a mór parte das descobertas e das regras practicas, fructo da observação de Hippocrates, vieram até nós atravez dos seculos, porque eram copiadas da natureza, e são ainda hoje tidas por verdades incontestaveis. Hippocrates observou muito, e theorizou pouco; é principalmente pelo lado da observação, que elle prestou à medicina os immensos serviços de que ainda hoje nos aproveitamos, pelos quaes adquiriu direitos à nossa veneração e estima. Si elle não fundou um systema, uma theoria regular de medicina, deixou ao menos immensos materiaes para isso. O celebre chefe da doutrina physiologica, Broussais, disse que, si Hippocrates houvera conhecido a *gastro-enterite*, e soubera que as phlegmasias se podem atalhar logo desde o seu começo, pouco teriam que accrescentar á sua medicina os seculos subsequentes (4).

A qualidade que mais sobresaie em Hippocrates, na opinião dos historiadores, é a de observador sagaz, atilado, e intelligente, que nos deixou mesmo as regras essenciaes da arte de observar. Depois de haver despido a sciencia dos sonhos metaphysicos dos philosophos, que julgavam cousa de pouca monta estudar as leis do organismo, depois de haverem formulado as do Universo, Hippocrates começou á estudar a sciencia do homem no proprio homem. De

(3) Estamos longe da opinião dos que accusam a civilização de empeorar a saúde dos povos. Quem tal afirma, confunde manifestamente idéas muito diversas. A civilização, como diz o professor Liebig, é a arte de economisar a força e não a de a desperdiçar.

(4) Examen des doctrines—Tom. 1.º p. 48.—Quem reflectir na extrema importancia, que dá Broussais á *gastro-enterite* na pathologia e na therapeutica, não deixará de notar quão pouco resta d'este elogio para o Pac da Medicina.

todos os medicos da antiguidade, que nos legaram escriptos, foi elle o primeiro, que reparou nas *curas espontaneas*, operadas nos animaes, e no homem, o que o conduziu ao principio que — *a natureza por si só é capaz de restabelecer a saúde*, e mais ainda — *que os medicamentos não têm outro fim que não o de ajudal-a na sua tendencia constante á destruição da molestia*, tendencia que o medico devia respeitar por uma sabia expectação, em vez de a perturbar por meios violentos, até que uma crise salutar pozesse termo á toda essa turbulencia do organismo, conspirado contra um estado que lhe repugna. D'aqui provém os axiomas — *quo natura vergit, eo duenda*; (5) *Vomitus vomitu curatur* — *natura repugnante, irrita sunt omnia*, &c.

Tal foi a origem do *naturismo*, que, com diversas modificações e nomes, tem por tanto tempo sido objecto de disputas escolasticas. Como principio não podia elle ser conhecido no tempo da iatro-philosophia, que precedentemente tentamos esboçar pelo alto, porque aquelles philosophos, perdendo-se pelas regiões infindas de uma metaphysica illusoria, e de uma ontologia povoada de sonhos extravagantes, collocaram-se demasiado longe da natureza, á ponto de a perderem de vista nas suas mais simples operações.

Não julgamos, comtudo, que na medicina hippocratica, nascida da observação e da experiencia, a imaginação não entrava tambem com a sua parte na feitura dos principios. O homem é naturalmente propenso á generalizar os factos individuaes, e á crear as suas causas, todas as vezes que estas se furtam á sua investigação. O vazio, que lhe fica no espirito, é mister que seja occupado por alguma cousa.

Natureza e molestia eram para Hippocrates duas entidades rivaes, dous campeões esforçados em lucta encarniçada na arena do organismo; a victoria de um ou de outro era a vida ou a morte. Chame-se a isto uma metaphora, um parto de imaginação, como quizerem; por nossa parte não vemos aqui mais do que uma explicação, um modo de conceber as mudanças operadas no organismo doente, deixado às suas proprias forças, uma interpretação dos factos que a observação fizera conhecer. Nós que, desvanecidos dos progressos

(5) Another very great truth is that profound, that philosophic motto of the sage of Cos. « *Quo vergit Natura, eo duenda* » to have urged which, even had he no other claim, would alone entitle him endless honour and the eternal gratitude of posterity; for what supports us during the doubts, the difficulties, the fears of the sick man's couch; what leads our diagnosis; what strengthens our judgement; what arranges our plan, and what leads to the quickest and the surest cure, but this devout, this unerring thruh?—(Dr. T. d'Allex—*Med. Times*, Nov. 16, 1850).

da sciencia de hoje, olhamos com certo ar de compaixão vaidosa, para os tempos da infancia da medicina, nós que muitas vezes trajamos à moderna, para nos parecerem novas, muitas idéas que a antiguidade nos legou, nem por isso somos mais felizes em muitas das nossas explicações. Ha theorias e systemas hoje que não teem talvez, sobre os de outr'ora, senão a vantagem de ter nascido mais tarde na ordem dos tempos. É portanto reconhecido, d'esde o berço da medicina, como sciencia de observação, que a natureza é o *principal*, e, muitas vezes, o *unico* agente da cura das doenças, e que os meios que a arte emprega, não são mais do que *auxiliares* que, ora removendo obstaculos, ora ajudando-a por diversos modos nos seus esforços salutaes, concorrem accessoriamente para o restabelecimento da saúde.

Muitos outros observadores depois de Hippocrates, como Aristoteles, Galeno, Palladio, e mais modernamente Baillou, Duret, Stahl, e Sydenham, reconheceram uma *natureza medicatriz, providente e sabia*, em continua actividade contra todas as causas morbificas, empregando todos os meios para as expellir da economia.

Mas que designaram todos estes autores com o termo—*natureza*—em sua applicação á medicina? Como comprehendiam elles a molestia? É aqui que as opiniões variam, e as explicações se multiplicam, posto que o facto da cura espontanea, e o da tendencia constante ao restabelecimento da saúde, sejam indubitaveis; e entretanto, é do conhecimento exacto do valor que se deve dar ao termo *natureza*, e da noção precisa do que se deve entender por *molestia*, que se deve deduzir logicamente o que significa—*natureza medicatriz*, ou *força medicatriz da natureza*. Estas duas idéas, natureza e molestia, assim como outras muitas, que servem de base à systemas, e à explicações theoricas, nunca foram bem definidas, desde os primeiros tempos da medicina, aos quaes nos ufamamos hoje de chamar incultos e barbaros, até este seculo de progresso, cujas luzes não puderam ainda dissipar a obscuridade, que as envolve.

Si Hippocrates divorciou a medicina da philosophia, pelo facto de collocar aquella em um pedestal mais seguro—a experiencia e a observação,—nem por isso despiu inteiramente a parte theorica da sciencia, das ideias philosophicas dominantes no seu tempo; o que não admira, porque nenhum homem, por extraordinario que seja, póde arrojarse para o futuro, e deixar atraz de si todas as ideias que o prendem á sua epocha. Na essencia da natureza via elle um certo calor, immortal, sabio, e providente, como o dá á entender a seguinte passagem do seu livro—*De carnibus aut principiis—Et videtur sane mihi id quod calidum (6) (thermon) vocamus, immortale esse, et cuncta in-*

(6) Todos sabem a veneração em que tinham os antigos o fogo. Estabeleciam-lhe cul-

intelligere, et videre, et scire omnia, tum presentia, tum futura. Já se vê que aqui entra alguma cousa da theoria dos quatro elementos de Empedocles, e que é esse *calidum omniensciens, impetum faciens* (enormon) que Hippocrates chama natureza, que preside à formação do Universo em geral, e do homem em particular, e que tende à conservar a saúde, ou à restabelece-la, na economia animal, quando esta foi lesada em sua organização, ou quando as funções foram perturbadas por uma causa qualquer. (7) Os modernos fazem-na consistir nas forças activas, que governam o organismo vivo, na reunião das faculdades e seu concurso ou synergia em tal ou tal sentido. (8)

A molestia, a qual ninguem ainda até hoje disse exactamente o que seja, porque as definições em vez de diminuir, teem augmentado a difficuldade de lhe comprehender a natureza intima, era considerada tal como todos a entendem, mesmo o vulgo illitterato que não a define, mas que a sente—uma des-harmonia, uma dissonancia entre os órgãos, um desvio, ou perversão das funções; ou, mais simplesmente, o estado opposto ao de saúde. (9) Ora dizer que a molestia é o opposto da saúde, é o mesmo que dizer que o mal é o opposto do bem, a morte o opposto da vida, a sabedoria o opposto da ignorancia, &c.; não é conhecer as cousas em sua natureza intima, é apenas distinguil-as umas das outras por caracteres de opposição e de contraste, ou de simples differença, o que é descrever em vez de definir, ou dizer o que uma cousa não é em lugar de dizer o que ella é. A doctrina de Galeno á este respeito não differe da de Hippocrates. Assim, dizia elle que a natureza é toda força ou faculdade innata em nós, e governando nosso corpo; é o seu calor natural, esse *fogo artista*, que aspira á geração, ao renovamento de todas as cousas, móve-se por si mesmo efficazmente para produzir e aperfeiçoar todos os seres. A' excepção de Asclepiades e todos os outros atomistas, todos os grandes homens da antiguidade pensavam d'este modo. (10) Galeno diz que a molestia—é o desarranjo de qualquer parte da economia, que perturba as suas funções, ameaça a sua existencia, ou torna o exercicio da vida difficil ou doloroso—

tos os Persas sob o nome de Mithras, e os Gregos e Romanos reverenciavam ao fogo perpetuo, que ardia no templo de Vesta. Querem alguns que a palavra—Natura—seja derivada de *nat*, que na lingua Chaldaica significa—fogo.

(7) Coutanceau—Dict. de Méd. art. Nature.

(8) Virey.—De la Puissance vitale p. 2.

(9) Hippocrates diz com o vulgo, que o homem está doente, quando não pôde normalmente exercer as funções naturaes e animaes, quando não goza do bem estar natural.—Lordat. *Leçons de Physiologie, extr. du cours, &c.* p. 169.

(10) Virey. *Obr. cit.* p. 10.

definição que achamos quasi textualmente reproduzida em um excellente tratado moderno de Pathologia geral. (11)

De qualquer modo, porém, que Hippocrates e Galeno, herdeiro de suas ideias, concebessem os phenomenos do organismo doente, como quer que os explicassem pela intervenção d'essa especie de tetrarchia humoral, filha dos elementos de Empedocles, o certo é, que era esse *enormon*, esse *fogo artista*, que presidia à cura de todas as molestias, quer por si só, quer ajudado por medicamentos, produzindo uma *crise*, uma *depuracão* dos humores, e restabelecendo a ordem, a harmonia, e a correspondencia entre os órgãos, e as funcções. O facto era conhecido, pouco importa que a explicação que elles lhe davam, seja differente da dos modernos; isto em nada muda a essencia das cousas.

Muitos outros observadôres reconheceram, como ja disse, o supremo poder da natureza na cura das molestias, poder attribuido por Van-Helmont ao seu *archeu*, isto é, um ente,—» *plena insignitum scientia, et potestatibus necessariis rerum in sua destinatione agendarum*, ou como elle o denomina em outra parte,—» *curator, rectorque internus finium, in obitum usque*. É este *archeu*, tambem commum aos vegetaes, (12) o intendente geral e supremo de todas as funcções da economia animal, que transmite seus decretos á outros *archeus* parciaes, os quaes tudo fazem sob sua suprema direcção. É difficil de conceber exactamente o que Van-Helmont entendia por molestia; o certo é, que elle não admittia, com os seus antecessores, que ella estivesse na intemperie dos humores, nem no predominio de um dos quatro elementos, &c. A molestia era uma entidade, uma cousa estranha—*ignotus hospes*,—um certo *quid*, tambem protegido por um *archeu* particular, conspirado contra a saude, em guerra declarada com o *archeu* protector, o qual se impacienta e enfurece, produzindo nos seus accessos de raiva, toda essa serie de phenomenos *sympathicos*, e *synergicos*, que acompanham as doenças. (13) É pela negligencia, preguiça ou inercia do *archeu*, que a molestia invade o organismo. Ora, si o *archeu* se conserva em inacção, é mister que o medico o disperse, e estimule à cumprir o seu dever; si elle reage moderadamente, nada tem que fazer o medico, deve deixar-lhe todo o trabalho da cura; mas, si elle resiste com demasiada energia, si os seus esforços tumultuosos e violentos abalam a economia inteira, é mister moderar-lhe a impetuosidade, abrandar-

(11) Chomel. *Pathol. générale* p. 46,5. *édit.*

(12) *Utpote vel a primo conceptu tam animal, quam vegetabile, unumquodque ad nutum propriæ destinationis movet, figurat, alterat, auget. &c.*

(13) *Dezeimeris. Diction. histor. de Méd.* p. 101 t. 3.

lhe o furor, &c., e guial-o por bom caminho à uma boa crise, tendo sempre em vista, que, sem a intervenção do archeu, não ha cura possível, não ha meio de lançar fóra da economia esse —*ignotus hospes*,—que ameaça fazel-a desabar em ruínas.

Ora este archeu, reduzido ao que elle poderá ter de real, nada mais é do que a força medicatriz. E, com effeito, a therapeutica geralmente pouco activa de Van-Helmont lhe havia de dar frequentes occasiões de observar bom numero de curas espontaneas, em que o archeu triumphava desajudado de medicação.

Ja antes de Van-Helmont, Paracelso, que misturava a medicina com a alchimia, a astrologia, e a magia, attribuia as funcções à um archeu, assim como a cura das molestias. (14) Elle dizia que a natureza era o melhor de todos os Cirurgiões, e que estes nada mais tinham que fazer, senão resguardar as feridas do contacto dos corpos exteriores; que a natureza tira dos humores um balsamo, com que banha e cura as feridas, balsamo, que tambem produzem algumas plantas; d'onde procedia, que este extravagante reformador pretendesse curar as fracturas sem nenhuma especie de appositos ou aparelhos contentivos, e só com a applicação da consolda, na qual julgava elle existir um balsamo artificial semelhante. Tanto na doutrina de Van-Helmont, como na de Paracelso, todas as funcções do organismo são explicadas pela chimica d'aquelle tempo, tudo subordinado, ja se sabe, ao archeu ou archeus, de que a economia era povoada. Ha, todavia, uma differença, e é que o archeu de Van-Helmont era immaterial, sem partes, e o de Paracelso, posto que immaterial tambem, nem por isso deixava de ter braços, pernas, cabeça &c. (15) Van-Helmont era beato, ou antes fanatico; Paracelso era herege e feiticeiro.

A medicina continuou por muito tempo a ser dominada pela chimica, nos systemas de Sylvio, (De-Le-Boé) Willis e outros, cujos successores, para fazerem alguma cousa de novo, substituiram a chimica pela mechanica; taes são as doutrinas de Borelli, Hoffmann, Boerhaave e outros. No primeiro caso tudo se explicava por distillações, fermentações e effervescencias; no segundo pela statica e dinamica dos corpos brutos, pelo *spasmo* e *atonía*.

No systema dos medicos chemicos, a therapeutica deveria ser muito activa, pois que sempre havia um alcali, ou um acido á neutralisar no organismo, salvo se concedessem, o que ja era muito, que a economia tem a facultade

(14) Esta idcia de *Archeu* vem, segundo alguns autores, de Basilio Valentim, Frad Benedictino, autor do celebre—*Carrus triumphalis antimonii*.

(15) Segundo Broussais. *Obr. cit. t. 1.º p. 307.*

de fabricar o reagente accommodado aos differentes casos pathologicos, e dispensar soccorros alheios. Nos systemas iatro-mechanicos e iatro-mathematicos, não se pôde tambem contar com a força medicatriz da natureza, pois que, si tudo se explica pelas leis do equilibrio, e si as diversas desordens da machina animal não são mais do que oscillações, semelhantes às de uma balança ou de uma agulha magnetica (16), embora lhes reconheçam uma tendencia constante ao equilibrio, claro é que o medico não deve fiar-se na pretendida natureza medicatriz, e sim applicar immediatamente uma força, que neutralize a que produzió o disequilibrio. Mas não praticava assim a maior parte d'estes medicos systematicos; posto que de suas doutrinas se não possa logicamente deduzir que a cura seja devida à outra cousa, que não à acção do medicamento, tal qual elles a suppunham, e segundo o modo porque entendiam a molestia, com tudo os esforços salutaes do organismo não lhes eram inteiramente desconhecidos. Boerhaave, por exemplo, cuja theoria medica é um mixto, bem que ordenado, de quasi todas as theorias mais notaveis, que o precederam, escreveu, que a febre é *uma affecção da vida esforçando-se por prevenir ou impedir a morte*. Hoffmann, cuja doutrina se baseava na hydraulica e na mechanica, no *strictum* e no *laxum* de Themison, trajados á moderna, e baptizados com os nomes de *spasmo* e *tonia*, adoptava a cocção e a depuração dos humores, favorecida pelo spasmo, confiava na autocracia de Hippocrates, e admittia uma natureza medicatriz, de que algumas vezes falla em suas obras: — *Vis medicatrix naturæ*, diz elle, *profusa medicamina non requirit, vis medicatrix naturæ, quæ ægritudines valde periculosas, ut pestem, exanthematicas, variolosas, mobillosas, et inflammatorias febres, depellit quam optime*.

Poderíamos citar as opiniões de muitos autores em favor da existencia de uma força medicatriz, e das curas espontaneas effeituaadas por ella; nos escriptos de Amato Lusitano, Plater, Fernel, Baillou, Duret, Sauvages, Sydenham e outros, encontraríamos sobejos testemunhos. O Hippocrates Bretão diz positivamente, que a molestia consiste no esforço, pelo qual a natureza procura eliminar a materia morbifica. — *Morbis nihil aliud est, quam nature conamen materiæ morbificæ exterminationem in ægri salutem omni ope molientis*. (17).

Em tempos mais proximos de nós, depois das revoluções medicas, que succederam à grande descoberta de Haller, depois de passado o enthusiasmo pelo sthenismo e physiologismo, durante o reinado dos quaes a doutrina hippocratica vergava sob os golpes dos reformadores de toda especie, e como que se

(16) Roberto Boyle.

(17) Sydenham. *De morb. acutis in genere* p. 49.

envergonhava de apparecer em publico, a força medicatriz foi de novo reabilitada pelo *principio ou força vital*. Depois dos trabalhos do celebre Barthez a reacção contra as pretensões do organicismo começou à propagar-se com mais celeridade. As conquistas da physica e da chimica, acceitas com avidéz pelos medicos que se dizem *racionalistas*, e applicadas à physiologia e á pathologia, em vez de condemnarem o hippocratismo, vieram, pelo contrario, conciliar-se e harmonisar-se com elle. A medicina *exacta* de nossos dias, ou a *iatro-mathematica* moderna, a medicina *progressista*, em fim, que não vê senão órgãos, phenomenos organicos, lesões materiaes, &c., como não pôde com o auxilio de seus *meios exactos de investigação*, descobrir e calcular o principio vital, como se descobre uma lesão organica do coração, ou se calcula o impulso do sangue com o hemodynamometro, assentou que o melhor era não admittir uma hypothese escusada, e considerar o hippocratismo como uma doutrina anachronica. A força vital, comtudo, não foi excluida da medicina physiologica e organicista, ou porque se quiz fazer n'isso uma concessão aos vitalistas, ou porque a insufficiencia de recursos necessarios para a explicação de certos phenomenos, que não se accommodavam bem dentro dos estreitos limites do exclusivismo, obrigou os systematicos modernos à sahir do circulo de seus principios. Seja Broussais o primeiro que justifique esta proposição. « O nervo grande sympathico, diz elle, ou trisplanchnico é, como indicam estas denominações, incumbido de associar umas às outras as visceras das trez grandes cavidades. Tem-se dito que elle preside à nutrição. Esta proposição merece ser explicada. Não é por dar aos tecidos a faculdade de assimilar, de transformar a materia animal movel nos secretorios, applical-a aos tecidos, solidificando-a, eliminar as moleculas que se lhe não podem mais incorporar, que elle preside à vida interior. São de outra ordem estas operações, e pertencem á força vital primitiva; fazem parte d'esta chimica viva, que não é essa força, mas que é o primeiro signal e o primeiro effeito d'ella. Tanto é verdade o que affirmo, que é esta mesma força que forma, e mantém o grande sympathico. Ora, seria absurdo attribuir à este nervo a faculdade pela qual elle existe. (18) Em outro livro de Broussais (19) lemos o seguinte: — « A medicina não é uma manipulação chimica, os reagentes teem alguma acção sobre as substancias extranhas, quando estas não teem passado das vias digestivas, e ainda assim è mister levar em conta a vitalidade de suas paredes; porém nas segundas vias, nas da absorpção, circulação, secreção e nutrição, nada vê o chimico, nada pôde a mão do manipulador; as *leis vitaes* que constituem a

(18) *Physiol. appliq. á la Patholog.* t. 2. p. 55.

(19) *Exam. des doct.* tom. IV p. 361.

providencia interior do órgão, são as que executam as transformações, separações, eliminações e depurações, e, *as mais das vezes*, basta moderar ou espertar opportunamente a excitação, para ellas levarem ao cabo este trabalho.

Esta *providencia interior*, não é outra cousa senão a *força medicatriz*, tal qual a entende a eschola hippocratica; só o nome é differente, e todavia no livro em que Broussais escreveu estas palavras, abundam as invectivas contra a medicina expectante e contra os sonhados esforços salutaes! Um dos actuaes representantes do organicismo, o professôr Bouillaud, diz na sua *Nosographie médicale* (tomo 1.º p. 129) « Antes de demonstrar o poder directo da arte, tributemos nossas homenagens ao da natureza. Apressemos-nos à declarar que *só com a intervenção de certas forças naturaes, que tendem á manter a machina viva no seu estado normal, e á reduzi-la de novo á elle, quando esta se desvia*, forças às quaes se deu no, ultimo caso, o nome colectivo de *potencia medicatriz*, as phlegmasias leves podem terminar-se pela cura; esta é então chamada *espontanea*. » Em outra obrahavia ja dito o mesmo autor, que, sem a intervenção dos actos vitaes, não poderiam curar-se as doenças mais simples em apparencia, como as feridas, ulceras, fracturas, &c., e que só á força plastica da natureza pertence fabricar o callo, e a cicatriz. (20)

Ora si nenhuma das forças geraes, que regem os corpos inorganicos, póde explicar, como o confessam os proprios adversarios do vitalismo, grande numero de phonomenos, que se passam nos corpos vivos, a admissão de uma força especial é mais que legitima. Tal é a *força medicatriz*, ou o *principio vital* em actividade na cura das molestias.

Ha hoje nos espiritos uma tendencia notavel para a doutrina vitalista, que a eschola de Montpellier se tem esmerado em conservar e enriquecer. Homens de grande talento, não teem poupado esforços para ampliar o circulo das ideias grandiosas de Barthez, e Dumas, difundil-as, e semeal-as por essa nova geração medica, que ora se levanta, à qual está talvez reservada a gloria de completo triumpho.

Um tratado moderno de therapeutica marca nova epocha na historia d'esta sciencia; o livro dos Srs. Trousseau e Pidoux veio dar vida nova à doutrina hippocratica, e colloca-a ao nivel dos conhecimentos actuaes. A força medicatriz mereceu-lhes particular attenção, qual a que se deve dar á uma questão, que nada menos importa do que saber si existe ou não na propria economia algum recurso contra os differentes estados morbidos, até que ponto podem estes recursos bastar por si sós, e de que modo póde a arte auxiliá-os;

segundo cada uma d'estas considerações será diferente o proceder do medico, e, o que mais é, a sorte do doente.

A influencia, que este e outros escriptos notaveis teem ultimamente exercido na practica da medicina, vae pouco á pouco acalmando o furor de *dego-lar* molestias, (quando o enfermo não é comprehendido no golpe) e á levar insensivelmente os espiritos à reconhecer por verdadeira aquella sentença de Hufeland, que tão mal sôa aos ouvidos dos sectarios da medicina de exterminio: — *Natura sanat, medicus curat morbos.*



II.

Os esforços curativos do organismo não só curam muita vez sem outro remedio, mas até o tem feito apezar de medicações más, intempestiva e imprudentemente aconselhadas; tem sido até muita vez uma protecção contra o erros dos systemas, e contra os erros e ignorancia dos máus medicos.

DR. B. A. GOMES. *Pharmacol. ger.* p. 74—Lisb. 1851.



COM quanto ignoremos o que seja, em sua essencia, o que chamamos molestia e saúde, pois que estas duas ideias se explicariam mutuamente, sabemos, com tudo, que todos os corpos vivos estão sujeitos a certas mudanças e modificações no seu modo ordinario de existir, incompativeis com o inteiro e livre exercicio de uma ou mais de suas funcções, do que resulta uma desordem, uma desharmonia mais ou menos sensivel. Sabemos quando muito differenciar a doença da saúde, ainda que ignoremos o que seja, em sua natureza intima, cada uma d'estas cousas. Todos os seres vivos se acham rodeados de agentes exteriores, que tendem a destruir-lhes a vida; todos elles estão em constante antagonismo com as causas perturbadoras de suas funcções, antagonismo, que envolve as ideias de resistencia contra a acção d'esses mesmos agentes, e de tenacidade e apêgo à vida. Mas, alem d'essa resistencia, possuem esses seres, em maior ou menor gráu, o poder de reparar os damnos e as perdas.

Sabem todos que os vegetaes, sem nenhuma especie de auxilio estranho, não só resistem aos agentes que tendem a embarçar-lhes o curso regular de suas funcções, mas até, por um maravilhoso mechanismo, regeneram partes lesadas, reproduzem órgãos perdidos &c.

Os animaes inferiores regeneram igualmente partes destruidas, e mesmo reproduzem o todo na parte, dando origem à um animal perfeito, semelhante

áquelle de que foi separado. Os planarios e muitos outros vermes possuem em summo grãu o poder reproductor: cada segmento do animal pôde dar um individuo completo, salvo si este segmento é ja physiologicamente indivisivel, isto é, não contem ao menos uma d'aquellas partes homologas, em que se divide seu systema nervoso, porque, n'este caso, a destruição seria inevitavel.

Não só pela secção transversal, mas tambem pela divisão longitudinal se multiplicam alguns d'estes animaes inferiores, segundo o numero de incisões, como o attestam as experiencias de Trembley, de Sir G. Dalyell, e Dugès nas hydras e outros polypos.

Sabe-se que os peixes reproduzem as barbatanas, os lagartos e as salamandras a cauda, e com ella parte da medulla espinhal, segundo Spallanzani. Todos os autores de physiologia comparada apontam exemplos de reproducção de tegumentos, de porções de órgãos, e mesmo de órgãos inteiros, como antenas, branchias, maxillas, olhos, &c.

A' medida que a organização se vae tornando mais complicada, vae desaparecendo a faculdade de reproduzir órgãos, e, nas classes superiores, resta só a de regenerar tecidos ou partes elementares de órgãos. Nos animaes de sangue quente, esta faculdade é muito limitada. No homem, as partes susceptiveis de reproducção reduzem-se, segundo Mr. James Paget (1), á tres classes: 1.^a as que são regeneradas pela repetição do acto, que primitivamente as produziu, como o sangue, a cutis, &c. 2.^a as que teem uma organização ou composição chimica mais simples, como os tecidos gelatinosos, e o systema osseo, &c. 3.^a as que se acham em outros tecidos como accessorias, as que os relacionam com outros órgãos da vida vegetativa ou animal, como vasos sanguineos, lymphaticos e nervos.

É na applicação da parte mechanica ou manual da medicina, isto é, nos processos cirurgicos, que mais frequentemente se manifestam os phenomenos de regeneração de tecidos. A cirurgia não faz mais do que pôr as partes lesadas em condições favoraveis á cura. Não é, por certo, o cirurgião, que solda as incisões da pelle, e musculos, nem restabelece a continuidade em um osso fracturado; elle approxima as partes divididas; mas a formação da cicatriz e do callo é cousa que não entra em sua alçada. Por ter o cirurgião praticado a diereze, a synthese, ou a exerese, não està effeituada a cura: é mister ainda que uma serie de phenomenos ulteriores, provocados, algumas vezes, e facilitados por elle, venham realisar o seu pensamento: sem estes phenomenos, que elle domina até certo ponto, uma operação seria um novo mal accrescentado ao que ja existia.

(1) Lectures on the processes of repair and reproduction after injuries.— Lect. II Lond. 1849.

Nos animaes, ou no homem que não poudé valer-se dos soccorros d'arte, nem por isso as lesões traumaticas deixam de reparar-se independentemente de soccorros estranhos, salvo quando certas circumstancias e accidentes desfavoraveis, que o cirurgião é chamado a remover e evitar, se oppoem absolutamente à realisação da cura espontanea. Haverà talvez menos perfeição em alguns d'estes casos. Quando a arte corrige defeitos, que não poudé prevenir, não o faz, senão imitando, até onde é possível, a natureza, e tomando por termo de comparação o homem perfeito, o typo em fim, pelo qual procura aferir a sua obra.

Que valor poderiam ter os processos da autoplastia, si o operador contasse só com o seu trabalho, puramente mechanico? Porque é que escolhe o cirurgião uma opportunidade favoravel para a practica de uma operação, e espera, quando o caso o permite, por certas condições e estados dependentes não só dos *circumfusa*, mas tambem do individuo que tem de a soffrer? É que o operador mette em linha de conta alguma cousa mais do que as suas manobras cirurgicas; é que elle conhece as raias do seu poder, e espera que, terminada a sua missão, outro obreiro, que elle não póde substituir, nem sequer, imitar, se encarregue da mais importante parte da tarefa, unindo solidamente as partes divididas, creando novos tecidos, &c. Bem inteirado dos limites da sua arte estava o celebre Ambrozio Paré, quando modestamente disse de um doente seu—*Je le pançai, et Dieu le guarit.*

Nas molestias chamadas internas ou medicas encontramos sobejos exemplos de curas espontaneas. Muitos doentes se restabelecem completamente sem nenhuma especie de medicação, ou tomando, á titulo de remedios, substancias reconhecidamente inertes. Sabe-se que outr'ora se attribuia grande numero de molestias á influencia dos demonios, e que os individuos affectados eram tratados com exorcismos, com reliquias sagradas, &c. A pathologia demoniaca teve muitos sectarios no principio do seculo 18. (2) Por esse tempo fizeram echo por toda a Europa as curas do Padre Gassner. O tumulo de Francisco de Paris fez curas espantosas por espaço de cinco annos até 1732, epocha em que o governo francez prohibiu as vizitas do povo ao jazigo do Jansenista. Os milagres do santo espinho da corôa de Christo na Abbadia de Port-Royal não produziram menos maravilhas; conta-se a historia de uma rapariga, que só pelo contacto d'essa reliquia curou-se immediatamente de uma fistula lacrimal!

(2) Vid. Sprengel, Hist. de la médec.—O que é notavel é, que nomes quaes os de Wedel, Fred. Hoffmann, J. Storch, e Nicoláu Børner, se achem associados á creença de similhantes diabruras.

A superstição e o fanatismo são de todos os tempos e de todos os paizes. Não ha povo algum, á quem a civilisação tenha completamente arrancado esta especie de myticismo, que parece profundamente arraigado, e identificado com sua propria indole. Mas si o vulgo, e alguem que não se tem n'essa conta, crê na efficacia dos exorcismos, das reliquias, da agua benta, das benzeduras, das exconjurações, &c., é porque algumas vezes são estes actos seguidos de cura; e se entre esta e aquelles se consente relação de causalidade remota, é às influencias moraes, que os medicos pedem a explicação.

As curas espontaneas, isto é, effeituidas sem o emprego de agentes therapeuticos, não são tão raras, como pensam aquelles medicos, que teem sempre um remedio prompto para cada molestia, e que a atacam sem tregoa como à inimigo implacavel; si elles as observam apenas em leves incommodos, em simples e passageiros desvios do estado normal, não sérà isso devido à que, confiando só no medicamento, não se abstenham d'elle em caso nenhum? Certamente, a medicina de exterminio de certos systemas modernos põe tão apertado cerco á molestia, combina por tal arte as suas manobras, que não deixa brecha alguma por onde lhe saia uma cura espontanea.

Doctrinas contrarias e oppostas teem reinado em medicina, oppostas, não só em principios, nas altas questões de pathologia, mas, como consequencia necessaria, na therapeutica tambem. A mesma molestia é tratada por meios oppostos com proveito. Dous medicos antagonistas appresentam-se em campo, cada um com seu methodo therapeutico, e tratam de convencer-se reciprocamente de erro; na discussão dos principios não conseguem entender-se; mas ainda resta um recurso—a estatistica; enumeram-se os doentes, contam-se as curas e as mortes (que sempre são rarissimas em ambos os systemas), e chega-se á este resultado satisfactorio,—á saber, que a mesma molestia combate-se igualmente bem por meios oppostos! Eis ahi porque a estatistica, pedra de toque dos methodos curativos, causa tantas desconfianças à certos medicos mais escrupulosos. Si ella não fosse o melhor argumento, que se possa adduzir em favôr d'esta ou d'aquella medicação em uma especie dada de doenças, por certo não valeria á pena o abusar d'ella. (3)

Na doutrina de Broussais, as febres essenciaes de Pinel e de seus antecessores, passaram todas para o rol das phlegmasias, e como taes eram tratadas por todos os meios debilitantes, e mormente pelas sangrias geraes e locaes.

(3) Ultimamente em Inglaterra um Medico Homœopatha fez uma estatistica da Cholera-morbus, que reinou em Huddersfield, mostrando que, de vinte doentes tratados pelos Allopathas só dous escaparam, e oito tratados pela Homœopathia curaram-se todos! (Vid. *Medical Times*, Maio de 1251 p. 484.)

Ora, antes de Broussais, Brown disse, que a experiencia o conduzira ao emprego dos estimulantes na maior parte das molestias (4) e nellas comprehendia as *febres*. « Nas pyrexias, que sabemos serem as únicas inflammações de Brown, o calor é *sthenico*, porque depende da demasiada actividade da incitação; o que o prova é que as curam a sangria, a dieta, as bebidas aquosas, &c. Não ha que replicar a isto, si accrescentarmos que apenas se trata da incitação do *systema sanguineo* em certos orgãos; mas quando o calor das febres de Brown,—*que não são senão phlegmasias membranosas*,—é attribuido á *asthenia*, em razão de se curarem pelos meios *estimulantes*, a prova é *nulla*, pois que o tratamento mais appropriado para estas molestias não *differe* do que elle aconselha para as suas pyrexias. » (5) N'este trecho sobresaes o antagonismo dos *methodos therapeuticos* d'estes dois Medicos celebres. Todas as molestias que Brown comprehende sob o nome de febres, são no seu entender *asthenicas*, e por isso reclamam os estimulantes; para Broussais são inflammações (molestias *sthenicas*), e exigem os debilitantes. A febre typhoidea, por exemplo, devia ser tratada, segundo o Medico Escossez, com o vinho, a quina, alimentos, &c.; e segundo o reformador Francez, com a sangria, a dieta, e as bebidas refrigerantes. Ora não é licito crer que Brown abraçasse todos os seus doentes com incendios, nem que Broussais curasse todos os seus com extenuações. O que d'aqui se póde concluir é, que muitas vezes se viu o organismo à braços com a molestia e com o remedio, e alcançou a victoria apesar da medicação; é que alguma cousa existe, alguma energia occulta reside no organismo, a qual tende à reduzir a economia ao seu typo funcional, ás condições normaes, *physiologicas* independentemente da acção dos meios *therapeuticos*, e mesmo contra ella.

Disputa-se, muito ha alguns annos, si são os *sectarios* do *contraria contrariis*, si os do *similia similibus*, que teem mais direito ás benções da humanidade; e *adhuc sub judice lis est*, porque, como de parte à parte nada se concede, não ha possibilidade de chegar à um accordo. Nem siquer a estatística, que é moda applicar hoje à tudo quanto se pertende provar sem replica, poude ainda decidir o pleito, porque a estatística é a favor de ambos os *systemas*!! É uma especie de instrumento susceptivel de ser manejado em direcções diversas, segundo convem ao intento d'aquelles que, á mingoa de provas positivas, querem fazer sobresaahir suas opiniões. (6)

(4) Broussais. Ob. cit. tom. 2.º p. 545.

(5) Idem p. 444.

(6) Défiez-vous d'une formule therapeutique, quand celui qui la propose et l'a expérimentée ne sait et ne veut en appuyer l'excellence que sur des faits et des résultats statis-

O *similia similibus*, que é mais velho do que Hanhemann, (7) e não envolve a ideia das doses infinitamente pequenas, já é de muito tempo conhecido em medicina. A theoria dos symbolos e dos signaes, que consiste em procurar um medicamento que tenha alguma relação de *similhança* ou analogia de propriedades com o orgão doente, ou com a molestia, à que tem de ser applicado, não está certamente fóra da letra do axioma. Assim aconselhava-se a rhatanhia e o sangue de drago nas hemorragias, o açafão, o aloes e o rhuibarbo nas affecções biliosas, a pulmonaria nas doenças do bofe, as saxifraga contra os calculos urinarios, &c. Muitas inflammções são tratadas com agentes irritantes, a syphilis com o mercurio, a febre com quina, cujos effeitos no arganismo si assemelham à estas molestias. Havia, e ha por tanto, si assim nos podemos exprimir, uma homœopathia allopathica; e tanto o reconhecem os sectarios de Hanhemann, que se teem valido d'estes factos para nos provar a verdade de sua doutrina. Mas a homœopathia practicamente considerada funda-se tambem em outro principio—*doses quam minimæ*—, que nenhuma relação teem com o primeiro, e que é talvez a unica feição que dà ao systema o cunho da originalidade. (8) O professor A. B. Gomes faz o seguinte juiso acerca de Hanhemann, e da sua medicina: « Por nossa parte fazemos justiça ao bom senso de Hanhemann, e julgamos que elle mesmo não acreditava em muitas das cousas que escreveu, especialmente no que é relativo às doses homœopathicas. Pensamos, que o seu fim foi dar á medicina expectante um certo apparatus proprio para sustentar a imaginação e confiança d'aquelles doentes, aos quaes só esta medicina expectante convem, e é ao mesmo tempo difficil persuadir o absterem-se do uso de medicamentos, de que unicamente costumam esperar o remedio. » (9) A ser este o verdadeiro juiso que se deve fazer da doutrina de Hanhemann, e reputando-se inertes as suas doses ideaes, a que são devidos os bons resultados, que incontestavelmente obteem os homœopathas em alguns casos? Si não é aos medicamentos, pois que estes são julgados inefficazes, não ha mais à que os attribuir, senão às proprias forças, que regem o organismo. Si, porém, é aos medicamentos e estes realizam a lei dos *similhantes*, como explicar a identidade de resultados nos mesmos casos, em que é applicada a dos *contrarios*?

tiques qu'une rigueur spécieuse ne rend que plus mensongers. (Trousseau et Pidoux *Traté de Thérapeutique*.)

(7) Hippocrates disse:—*Alius modus hic est: Per similia morbus oritur, et per similia oblata ex morbis sanantur. (De loc. in homine.)*

(8) Vid. á este respeito o excellente artigo do Dr. Wilks, publicado no *Med. Times* de Maio 1850.

(9) Dr. A. B. Gomes—*Elementos de Pharmacologia geral*. p. 89—Lisb. 1851.

Si não fôra isso á que a escola hippocratica chama *força medicatriz*, si não fôra uma energia protectora do organismo contra a invasão e progresso dos estados morbidos, si a natureza não soubesse em grande numero de casos achar o melhor meio de cura, e effectual-o mesmo à despeito de medicações imprudentes e até atrevidas, intempestivamente applicadas, que seria feito do charlatanismo? Que voga teria uma multidão de remedios universaes, applicaveis à todas as molestias e rodeados de um certo apparatus mysterioso, que ainda mais desafia a curiosidade publica? O povo, porém, não acredita na virtude d'estas panacéas só pelo que lhe dizem os especuladores; é mister que elle veja effectos palpaveis, evidentes, que possam ser attribuidos por qualquer maneira ao remedio, que lhe aconselham. O mister de charlatão não é tão facil, como se pensa; para o exercer é necessario adquirir uma certa popularidade, e esta não se ganha sem trabalho; para vencer a indifferença, ou a incredulidade do vulgo é preciso mostrar-lhe alguma cousa, em que elle possa crer directamente, è preciso patentear-lhe exemplos de curas evidentes; ora em uma molestia grave, ou o doente sara, ou melhora simplesmente, ou succumbe; si elle não succumbir, tudo mais é a favor do charlatão; ha sempre duas vantagens contra uma desvantagem.

O celebre Le-Roy applica o seu purgante à todas as molestias sem excepção, porque todas as molestias têm por causa proxima a *corrupção dos humores*, cujo germen fôra deposto no primeiro homem, logo que peccou, e transmittiu-se de paes à filhos até nós; o unico meio de cura é, por consequencia, provocar a expulsão dos *humores corruptos*. Não ha medicina mais facil e commoda, como o diz mesmo a epigraphé da sua obra, que um pio traductor poz ao alcance de todos: —

Avec sa Curative

On peut avoir son Médecin chez soi.

O humorismo de Galeno por tal modo se enraizou nas crenças populares durante perto de quatorze seculos, que ainda hoje o povo é humorista, e não acredita em remedio, que não *purifique os humores*. Eis ahi porque a medicina de Le-Roy é ainda aconselhada por muitas pessoas em toda especie de queixas.

A camphora é tambem um medicamento de grande valor para os sectarios da *pathologia animada*, que Raspail fez reviver em nossos dias.

Não acabariamos, se quizessemos enumerar todas as preparações pharmaceuticas, de composição conhecida ou occulta, que disputam entre si a gloria de alliviar, à todo custo, os males da humanidade. O que havemos dito é sufficiente para justificar a convicção que temos de que, na cura das molestias, intervem alguma potencia distincta da acção presumida do medicamento.

Restá-nos agora fallar de outra ordem de phenomenos, que os antigos reputavam manifestações da força medicatriz, ou esforços salutaes da natureza para expellir a materia morbifica; é ás crises que nos referimos.

Uma das questões mais controvertidas, desde os primeiros tempos da medicina até hoje, é a das crises. Hippocrates diz em um lugar de suas obras que ha crises todas as vezes que a molestia augmenta ou diminue, degenera em outra, ou se termina completamente; em outra parte diz elle, que é qualquer mudança na doença, caracterisada por uma solução da molestia, acompanhada de uma evacuação qualquer, ou de uma mudança apreciavel. Galeno entende por crise o restabelecimento da saude—*Sola subita ad sanitatem conversio*, acompanhado de evacuações de qualquer genero. (10) Outros autores mais modernos usam do termo—crise—para designar uma mudança rapida e favoravel associada à alguma evacuação nova; outros em fim dão este nome aos phenomenos que acompanham a mudança, e não á mudança em si mesma. (11) Para certos autores a crise é a rixa travada entre a força vital ou o organismo e a molestia; para outros constituem-na os proprios phenomenos criticos, que resultam do combate entre a materia morbifica e a natureza medicatriz: em termos mais physiologicos, a crise é, para uns, o movimento organico pathologico, o trabalho morbido; para outros as evacuações ou qualquer outra desordem funcional consecutiva á este movimento organico. (12) Pela sua parte pensam os autores do livro, que acabamos de citar, que se deve reservar o nome de crise somente para os movimentos organicos, que promptamente trazem a cura aos doentes.

Ja se vê a grande variedade de opiniões, (e apenas citamos algumas) que tem sido emmittidas ácerca das crises. Maior obscuridade reina ainda na theoria dos dias *criticos*: segundo muitos escriptores antigos a natureza tem marcado uma epocha propria e de escolha para a evolução da crise em certas molestias, de modo que chegaram mesmo á construir, por ordem numerica, uma escala dos dias, que ella prefere para a execução d'esse trabalho salutar. Segundo elles ha dias, em que a crise é favoravel ou funesta, conforme o numero com que estes coincidem, contando da epocha da invasão da molestia.

Não é nosso proposito discutir aqui minuciosamente esta questão, o que pretendemos somente é examinar si ha nas crises alguma cousa, que a observação confirme, limitando-nos áquellas que mais legitimamente são consideradas manifestações da força medicatriz.

(10) De crisibus. Lib. III. Cap. II.

(11) Chomel. Obr. cit. p. 380.

(12) Monneret et Fleury. *Compendium de médecine pratique*. Vol. 4.º p. 835.

A melhor divisão das crises parece ser a que estabeleceu o Sr. Andral na sua these de concurso (13); é a seguinte: 1.º crises por perda de um liquido, por exemplo, o sangue, a bilis, o muco, &c.; 2.º por perda metastatica de um liquido, como a absorção da serosidade contida no tecido cellular, na pleura, ou no peritonêu, e exalação d'este humor por outra parte, ou expulsão pelas urinas, suores &c.; 3.º por transporte da inflammação, as inflammações visceraes julgadas por um exanthema, um abcesso &c.; 4.º pela mudança de logar de um movimento fluxionario.

O autor faz distincção entre a quarta especie de crise, e a que se faz por inflammação, e diz que assim se poderia explicar o suor critico da pneumonia, e diversos fluxos independentes de phenomenos inflammatorios apreciaveis, e que todavia melhoram a posição do doente. (14) A quinta e ultima especie é a que tem lugar pela eliminação da materia morbida misturada com o sangue. Em abono d'esta ultima ordem de crises, invoca o Sr. Andral as experiencias feitas em animaes, que consistem em introduzir pus ou materias septicas nas vias circulatorias. N'este caso sobrevem, ás vezes, a cura inesperadamente, e apoz formidaveis accidentes, acompanhados por diversas evacuações. (15) Estes exemplos são hoje muito mais numerosos do que no tempo em que escreveu o Sr. Andral; a therapeutica experimental moderna, que tem procurado conhecer, nos animaes e no homem, os effeitos dos medicamentos e dos venenos, inoculando-os nas veias, introduzindo-os em uma cavidade revestida de membrana mucosa ou serosa, ou applicando-os pelo methodo endermico, tem demonstrado que, si o agente pharmacologico ou toxico é em dose consideravel, a economia elimina-o, depois de diversas perturbações e accidentes, pelos emunctorios naturaes, e a chimica vae reconhecer os nas urinas, suores, &c. É uma verdadeira expulsão de *materia morbifica* em todo o rigor da palavra.

Reputava-se outr'ora de grande vantagem em certas molestias o apparecimento de uma hemorrhagia; nas febres, por exemplo, uma epistaxis era signal de bom agouro; o fluxo catamenial e hemorrhoidal, espontaneos ou provocados, eram tambem muitas vezes seguro indicio de exito feliz. A hemoptysia, que tanto nos assusta hoje, era tida em muitos casos como salutar. Finalmente a hemorrhagia, qualquer que seja o ponto do organismo em que

(13) An antiquorum doctrina de Crisibus et diebus criticis admittenda. (Paris 1824) Citado por Monneret et Fleury. Comp. p. 860.)

(14) These citada p. 46.

(15) Idem. p. 47.

ella se manifeste, é considerada pelos partidarios exaggerados das crises como um effeito da força medicatriz.

A ictericia, o coryza, a salivação, e o catarrho eram tambem tidos por phenomenos criticos, e ainda hoje se applicam medicamentos excitadores da secreção biliar, errhinos, sialagagos, expectorantes, &c, para provocar artificialmente o que a natureza faz por si só na cura espontanea.

Nas hydropisias é ainda hoje uma das regras de tratamento o promover a absorção do liquido contido em uma cavidade, ou no tecido cellular, e fazer com que a economia o elimine; d'ahi o emprego frequentissimo dos diureticos, dos drasticos, e dos sudorificos n'esta especie de enfermidades. Tenta-se por estes meios, quando não convem fazel-o directamente pela paracentese, evacuar, ao menos, a serosidade accumulada. Ora, é uma verdade reconhecida por muitos praticos, que as dejecções alvinas, a hyperdiurese, (16) e a diaphorese, apparecem algumas vezes sem que a arte as provoque; o resultado é o mesmo que o dos meios therapeuticos que apontamos.

Nas febres exanthematicas é considerada a erupção cutanea como uma crise, e d'ahi a applicação de medicamentos á que se attribue a virtude de facilitar a manifestação prompta do exanthema, ou de fazel-o reaparecer, quando uma causa qualquer o supprimiu. Certas manchas amarelladas da pelle, que coincidem com uma inflammção chronica do figado, são tambem reputadas criticas, e denominadas *hepaticas*. Das duas ultimas especies de crises da divisão do Sr. Andral já precedentemente mencionamos os exemplos que elle mesmo observou.

Por ultimo, e para concluir este artigo, indicaremos alguns dos muitos exemplos de curas que alguns autores attribuem à um *instincto conservador e providente*.

Virey accumulou grande numero de factos observados por medicos antigos e modernos, tendentes á provar a existencia d'este instincto nas molestias. (17) Depois de ter dito, no seu excesso de entusiasmo pelo *naturismo*, que—*les bêtes ont été les premiers docteurs en médecine*, (18) depois de ter indicado os differentes meios therapeuticos, cujo conhecimento devemos, segundo Aeliano, Galeno, Plutarcho, e Plinio, ao hippopotamo e ao ibis, e ac-

(16) Alguns medicos dos ultimos seculos reputavam criticas as ourinas em quasi todas as molestias. Os *Uroscopos* formavam o seu diagnostico só pela inspecção d'este liquido, o que os dispensava das visitas, pois que estes *prophetas ourinarios*, como os appellida Zimmermann, receitavam á vista de um vaso de ourina, que lhes mandava qualquer doente!

(17) Obr. cit. p. 346 e seg.

(18) Obr. cit. p. 338.

creescentado que outras ideias analogas nos foram reveladas pelo instincto do carneiro, do cão, das moças chloroticas e das mulheres pejudadas, passa à referir diversos casos de *appetites salutare*s observados nas doenças, os quaes foram satisfeitos e seguidos de cura, ou pelo menos de allivio; taes são os casos de um phthisico, que appeteceu morangos, e de um marasmatico, que só se contentava com ostras. A cerveja curou um hydropico, apezar da expressa prohibição de fazer uso d'ella; um dyssenterico deveu a cura á uma fartada de grozellas que comeu às escondidas do medico, e outro foi tambem salvo por devorar pepinos de conserva, &c., &c.

Virey cita ainda outros muitos factos para comprovar a *previdencia* da natureza, que, por intermedio do instincto, aconselha o que mais convem ao estado actual do doente, embora o uso de taes cousas pareça contrario à razão.

Contentamo-nos com apontar estes exemplos, e reservamos para o seguinte capitulo o examinar si elles nos devem merecer alguma consideração na practica da nossa arte.



III.

Une force n'est pas visible, elle ne peut pas se saisir des mains; si l'on veut en connaître la nature et la manière d'être, il faut l'étudier dans ses manifestations, dans ses effets. — J. LIEBIG. — *Lettres sur la chimie*, trad. franc. p. 19.

A harmonia que reina entre todas as funções da economia animal no estado de saúde, é a prova authentica da existencia em nós da força *medicatriz*; por quanto as forças vitales incumbidas de guardar o typo normal, logo que forem agitadas por causas morbificas, reagem, buscando sempre o ouro e fio da saúde, e nesta tendencia consiste a benéfica *efficacia medicatriz* da natureza. — (A. F. BRAGA. *Inst. de Patholog.* p. 278).



EPOIS de havermos apontado em resumo os differentes phenomenos attribuidos à força *medicatriz* na cura das molestias, passemos agora a consideral-a em si mesma.

Concordam todos os bons observadores em que a mesma potencia que rege a economia viva no estado de saúde, tende, no de molestia, à reduzil-a ao estado normal. É admittida esta proposição até por aquelles que dão pouca importancia à doutrina das forças *medicatrizes* na practica da arte de curar, ou que, não a julgando digna de refutação seria, assentam que melhor é combatel-a com as armas do ridiculo. Broussais, por exemplo, escreveu estas palavras em uma de suas melhores obras: (1) « Duvidar que possa o concurso d'estas duas ordens de meios (emissões sanguineas e abstinencia de modificadores excitantes) abreviar uma phlegmasia, é o mesmo que desconhecer os recursos da economia viva, a qual tende ao restabelecimento do equilibrio, sempre roto no estado de inflammação; é crer que a medicina deva fazer tu-

(1) Examen &c., obr. cit. T. 3.º p. 183.

do, e dar importancia a meios accessorios, que a *natureza sabe ordinariamente dispensar.* » O Sr. Bégin, que tambem não é suspeito n'esta materia, diz que « todos os medicos hippocraticos tem reconhecido esta verdade, á saber, que o *organismo animal é dotado de uma tal disposição, (?) que tende á repellir as causas morbificas, á furtar-se á sua acção, em fim á restabelecer em si proprio o equilibrio alterado de suas funcções.* (2) Si fosse mister citar aqui o testemunho de partidarios de doutrinas oppostas á dos medicos hippocraticos, ou simplesmente diversas d'ella, relativamente ao ponto que discutimos, não teriamos talvez difficuldade sinão na escolha.

Chegaríamos sempre á este resultado, que não é cousa duvidosa a existencia de esforços salutaes no organismo vivo doente, e que estes são effeitos da mesma potencia que preside á conservação da saúde. Mas qual é essa potencia, força, ou principio que governa a economia animal, e quaes são as suas leis? Essa potencia, a causa proxima dos phenomenos vitaes, não é accessivel aos meios de investigação até hoje conhecidos; n'essa parte não nos levam vantagem as sciencias physicas e chimicas, pois que nem a attracção nem a affinidade se revelam em sua natureza intima, e sim nos seus effeitos sensiveis e apreciaveis. Tanto a sciencia da materia bruta, como a dos corpos vivos, necessitam de um laço, que reuna e encadeie, em cada uma, todos os phenomenos que são do seu dominio, de uma causa, em fim, que nos dê razão dos effeitos observados. Mas estes effeitos, não podendo ser explicados pelo mesmo principio, nem attribuidos á mesma causa, força é distinguilos em duas categorias, em *phenomenos vitaes* e não vitaes. Os physiologistas tem chamado a causa dos primeiros — *principio ou força vital*, que dirige todos os actos do organismo, e que é distincta das forças que regem a materia bruta.

Foram malogradas as tentativas dos que pretenderam explicar tudo o que se passa nos corpos organisados vivos, pelas leis da materia inorganica. Hoje ninguem se lembra já de semelhante alvitre, pois que os mesmos physiologistas e medicos que mostram alguma repugnancia em aceitar o principio vital, são os proprios que confessam a insufficiencia das theorias exclusivas, physiologicas e medicas, baseadas nas leis da physica, da chimica e da mechanica, theorias cujo valor está hoje quasi reduzido ao de simples factos historicos. Mas dever-se-ha proscrever da physiologia e da medicina toda explicação fundada nos principios da sciencia dos corpos inorganicos e reduzir tudo á phenomenos puramente vitaes? Em qualquer d'estes dois extremos reside o erro. Os vitalistas de hoje não hesitam em conceder às forças physi-

(2) *Traité de Thérapeutique*. T. 1.º p. 8.

cas e chemicas a parte que lhes toca, reconhecendo sempre a superioridade de uma outra força, que as domina e dirige, durante a vida, à um fim determinado; esta força não é somente diversa das que dominam a materia inorganica; acha-se mesmo em manifesta opposição com ellas; uma é creadôra e conservadôra dos corpos vivos, as outras estão em continuo antagonismo com aquella, e tendem à transformar as substancias organicas em inorganicas, e à reduzir os tecidos vivos à simplicidade dos mineraes. Esta força organisadôra não só faz equilibrio à affinidade chimica, dirige-a tambem por vias apropriadas ao seu destino, e promove combinações organicas, por sua propria energia e actividade, com os materiaes que estão ao seu alcance. Devemos pois admittir a existencia de uma força vital, differente de todas as mais forças conhecidas, anterior à organização, presidindo ao desenvolvimento do germen, e dirigindo todas as funções na vida ulterior. Esta força, ou este principio, é differente do da intelligencia, porque não tem consciencia dos seus actos; não devemos, à maneira de Stahl, confundil-o com a alma pensante; esta, além das faculdades que lhe reconhecemos, e que aquella não possui, tem mui diverso destino.

Mas si não conhecemos a natureza íntima d'este principio vital, nem por isso ignoramos inteiramente as suas leis; sabemos, que elle pôde exaurir-se, accumular-se, restaurar-se, e desviar-se da direcção que lhê é marcada, ou do typo, á que tendem seus esforços. O que os autores teem chamado *força medicatriz* da natureza, não pôde ser outra cousa senão a energia que a força vital oppõe ás causas de destruição do corpo vivo, e a actividade com que repara as perdas, e regenera os tecidos lesados; não é uma força particular, que manifesta os seus actos somente no desarranjo das condições normaes da economia.

A força vital toma o nome de *medicatriz*, quando os seus actos, que teem por fim a perfeição organica e funccional, tendem à restabelecer a integridade material de qualquer tecido ou orgão, ou se dirigem contra uma causa de perturbação introduzida, ou accidentalmente originada no organismo.

Nos vegetaes, e animaes inferiores a regeneração se faz com mais promptidão do que nos animaes de ordem superior, como ja o dissemos em outra parte d'este escripto. Comtudo não é provado que esse poder seja, como se tem dito, na razão inversa da posição do animal na cadeia zoologica; os lagartos, por exemplo, possuem-no em grande escala, ao passo que os insectos parecem quasi totalmente privados d'elle. O que a observação demonstra é, que o poder reparador é na razão inversa da força dispendida no desenvolvimento, crescimento e conservação do individuo no seu estado perfeito. Assim, os animaes em que a geração é mais simples, são os que mais facilmente

reparam as partes perdidas, ou regeneram as lesadas, entretanto que nas especies mais elevadas, em que a propagação é mais complicada, o fazem com mais difficuldade e em mais estreitos limites. Evidentemente a somma de força necessaria para a mesma função é muito differente nos dois casos. No mesmo individuo a potencia reparadôra não é na razão inversa da idade, como querem alguns autores, e sim na razão inversa do desenvolvimento porque elle ja passou, o que é, como todos sabem, cousa muito diversa.

Nos animaes que se acham reduzidos á vida vegetativa, a regeneração é feita com admiravel facilidade, entretanto que n'aquelles em que vae gradualmente predominando a intelligencia, o poder reparador vae-se limitando cada vez mais. Aquelles possuem em grau elevado a regeneração complementar; mas no homem e nos animaes proximos á sua especie, a regeneração é puramente complementar, como ja mostramos com exemplos no antecedente capitulo. « A reproducção dos tecidos é de duas fórmas, diz o professor Muller, isto é, acompanhada ou não de inflammação. Em caso nenhum, todavia, deve a inflammação ser considerada causa unica. Muitas vezes succede, no homem e nos mammiferos, marcharem de companhia a regeneração e a inflammação, e a primeira provocar a segunda, mas nem por isso deixa de haver differença essencial entre uma e outra; a regeneração é a manifestação da força *medicatrix* da natureza; a inflammação é consequencia morbida de uma lesão, e tende egualmente para o bem e para o mal, o que depende das circumstancias. Para nos convencermos de que a cura é independente de inflammação, basta ver o que se passa nos reptis; as serpentes curam-se de feridas consideraveis, sem que haja inflammação; cobre-se a superficie com uma crusta, por baixo da qual se fórma a nova substancia. Fui testemunha do phenomeno, que dizem não ser raro nas aves. A salamandra e os animaes inferiores reparam até a perda de um membro inteiro sem este acto pathologico; e quem se lembrará aqui da necessidade da inflammação para que a regeneração se faça? Pelo contrario, no homem e nos mammiferos, são simultaneas a inflammação e a regeneração, ao menos nas feridas; e a primeira dura até que a parte lesada não soffre mais. Falsamente se concluiu d'aqui que a inflammação é uma exaltação da força vital. (3)

A experiencia tem mostrado que feridas subcutaneas, praticadas em animaes, saram sem o menor vestigio de inflammação. A cirurgia moderna tem

(3) Manuel de Physiologie. T. 1.º p. 511. Trad. de Jourdan. Galeno ja no seu tempo fez a mesma observação: frequenter enim vidimus, diz elle, cum integrum crus, brachiumve abscissum esset, coaluisse tamen vulnus antequam inflammatio aboriretur. (Adversus Erasistrateos cap. 7.)

applicado ao homem o mesmo processo em certas operações com o mesmo resultado. As experiencias do professor Paget, feitas em Inglaterra n'estes ultimos annos, não nos deixam logar á menor duvida á este respeito; (4) contudo não se póde negar que um certo grau de inflammação seja favoravel á cura, promovendo a exsudação dos materiaes que teem de formar o novo tecido, mormente em individuos enfraquecidos, nos quaes a reacção é pouco intensa ou quasi nulla.

Todos os processos que observamos na reparação das lesões traumaticas, e mesmo nas ulcerações espontaneas dependentes de um vicio interno, teem sido differentemente interpretados. Muitos autores teem posto em duvida a regeneração, e admittem somente a reparação do damno recebido pela economia, fundando-se em que o tecido das cicatrizes é em todos os órgãos semelhante; embora soffra com o tempo algumas modificações, nunca chega á ser identico ao do órgão, que foi lesado. Si a regeneração não se faz em todos os órgãos, ha probabilidade de que ella se faça ao menos em alguns; nos vasos sanguineos, nos nervos, e nos ossos é isto muito de presumir. Si não é assim, como explicar a existencia de sensibilidade e de circulação do sangue em um tecido de nova formação, ou em retalhos de tegumentos transplantados pelos processos autoplásticos? Si é verdade que o mesmo filete nervoso contém fibras motrizes e sensitivas, como é que não se confundem umas com outras na coaptação das duas extremidades divididas? Como interpretar o caso observado em Paris pelo Dr. Mello, professor de Coimbra, em um individuo, á quem o Sr. Velpeau reunira duas partes completamente separadas de um dedo, e que n'elle recobrára todo o sentimento e movimento? (5)

Os medicos escripturulosos em admittir uma força *medicatrix*, a qual costumam alcunhar de *preconceito herdado das velhas escholas*, dão-se por satisfeitos em attribuir todos estes phenomenos á assimilação, á lymphá coagulavel, &c. Mas, suppondo que assim seja, nenhuma d'estas cousas se pode explicar sem a intervenção da força vital. Ainda assim, não seria a explicação applicavel, senão ás fracturas consolidadas, e ao restabelecimento da continuidade de um nervo dividido, e n'este ultimo caso ainda não está anatomicamente demonstrado, que o tecido intermedio seja identico ao do nervo; mesmo nas fracturas, a primeira substancia interposta não é ossea, e ainda que diga o professor Muller, que é necessaria a presença do osso para que ella o venha à ser, como é que se faz a ossificação das cartilagens, e das ar-

(4) Medical Times. Junho 3. 1849.

(5) Primeiras linhas de Physiologia por Jeronimo José de Mello. p. 146.

terias, em que tal substancia ossea não existe previamente? Como é que sem presença de modelo ou padrão, se formam os ossos no feto?

A formação dos tecidos da cicatrização dos diversos órgãos não pôde também ser explicada pela assimilação, porque, à ser assim, devia a regeneração ser completa, isto é, devia o tecido da cicatriz ser identico ao tecido do órgão lesado, e contribuir no seu tanto para a função ou uso especial d'este. Para o tecido cellular poderá isto ser verdade, mas não o é para órgãos de structura menos simples. Si um musculo fôr dividido ou si lhe fôr arrancada uma porção, suas fibras não se regeneram; a solução de continuidade, ou o vazio, são preenchidos por um tecido differente da fibra muscular, o que não aconteceria si o processo reparador fosse devido à assimilação. Em uma glandula dividida o tecido da cicatriz é muito differente do d'este órgão, e não concorre, como outra qualquer porção d'elle, para a elaboração do producto especial que lhe cabe preparar. Nas cartilagens e tendões também o novo tecido é diverso.

O sangue repara constantemente as perdas que soffre no acto da nutrição dos órgãos. Também se costuma attribuir à assimilação a mudança da substancia alimentar em sangue, pois que o acto respiratorio não bastaria para explicar a hematose. Mas si este liquido è, como se sabe, sujeito à alterações pathologicas, as substancias nutritivas resultantes da digestão devem converter-se em sangue igualmente alterado, do mesmo modo que se nutre um polypo ou um tumor cancroso, ou que uma ulcera de mau character segrega um liquido anormal, um liquido que não tem similhante na economia. Uma vez produzida esta alteração, não ha motivo para que o sangue volte às condições normaes, pois que a assimilação viciosa continúa à fazer-se. Mas é sabido que o sangue volta à seu estado normal, mesmo sem que um agente pharmaceutico, á que se attribua uma acção chimica particular, tenha effectuado esta metamorphose. Parece, por tanto, que todos estes phenomenos devem ser attribuidos à mesma força, que do germen fecundado tirou um ente vivo composto de partes diversissimas, sem modelo presente; a mesma que com uma substancia homogenea cria uma multidão de órgãos differentes, como o genio do artista, que sem outro modelo senão o que existe em sua imaginação, talhou do mesmo marmore todos os objectos, que ella lhe desenhara. É d'este modo que convem entender o que se chama força medicatriz, força plastica ou organisadora, pois que todos estes nomes lhe são dados.

A economia animal nas differentes especies de molestias, que a podem accommetter, e que ella pôde superar, não é certamente governada por duas potencias diversas; as curas que se observam tanto nas molestias chamadas cirurgicas, como nas que formam o quadro da pathologia iatrica, são devidas

à mesma causa, embora por differente mechanismo. As divisões estabelecidas entre umas e outras, vão perdendo de seu valor á medida que a sciencia se enriquece. A pathologia é uma só: deve-o ser igualmente a medicina. Hoje é talvez a facilidade do estudo de materia tão vasta, o unico motivo de prevalecerem ainda certas divisões classicas, como a de molestias *cirurgicas e medicas*.

A mesma força que vemos presidir à reparação dos damnos que o organismo sofre nas partes mais visinhas da superficie externa, não pôde ser differente da que exerce sua salutar influencia sobre as lesões dos órgãos mais reconditos, aonde os nossos sentidos difficilmente ou de nenhum modo podem chegar. Esta verdade pôde-se encontrar em todos os systemas medicos mais celebres; a força, porém, não é da mesma ordem em todos elles, nem os seus effeitos são igualmente circumscriptos, porque em todo systema exclusivo em medicina ha verdades exageradas em um ou outro sentido, escoltadas por um sem-numero de erros e falsidades; estas verdades são muitas vezes sacrificadas pelos demolidores de doutrinas, os quaes sempre cortam pelo são, no excesso da mania de reformar.

Nós ja vimos que a força medicatriz não pôde ser comparada à nenhuma outra das forças conhecidas, senão á força vital, reputada causa de todos os phenomenos que distinguem os corpos brutos dos corpos vivos. Si o mechanismo pelo qual a força vital fórma cada um dos órgãos da economia animal, e os mantém no estado de perfeição, e os dirige no exercicio das funcções, que à cada um incumbe executar, desde o nascimento até á morte, é ainda para nós um segredo impenetravel, não o é menos o acto pelo qual o órgão doente, sob sua influencia, volta ao estado de saúde. Tudo isto é, serà ainda por muito tempo, para sempre talvez, o escólho em que naufragam as mais ousadas concepções do espirito humano, e os mais bem combinados planos de observação, e de experiencia. O Creator do Universo reservou certamente para si o segredo da sua obra mais sublime. Devemos, por tanto, contentar-nos com o conhecimento dos effeitos, cuja causa elle occultou às nossas vistas, e procurar nas differentes relações, que entre estes podermos descobrir, as leis pelas quaes se rege o agente desconhecido da vida. A admissão de uma força vital é o resultado da deducção mais rigorosa; a influencia, que ella exerce na cura de todas as molestias, é justificada pela exacta observação dos factos, e pelo raciocinio.

Com effeito, o organismo, em continua lucta com os agentes exteriores em todas as phases da sua duração, resiste á acção hostile que elles constantemente lhe oppõem; esta resistencia não é um acto premeditado, em que tome parte a intelligencia ou a razão; é pelo contrario uma energia forçada e cega

que necessariamente se deve pôr em actividade quando uma causa qualquer a provoca. A lucta é real; o principio da vida mantem por um modo de combinação especial os elementos inorganicos, que se portam mui differentemente, quando são dominados pelas forças chemicas ordinarias; vence mesmo a resistencia natural, que estes oppoem à separarem-se de outros elementos com que se acham combinados, muda-lhes a ordem das affinidades reciprocas, e compoem com elles toda a machina animal, que nenhum chimico ainda soube imitar na mais simples de suas parcelas. Ora, quando a vida cessa, novas combinações chemicas se fazem em sentido contrario; os elementos que o principio vital tinha presos, como que em um estado violento, tornam-se então livres, voltam de novo às condições primitivas que d'antes tinham no mundo inorganico, para ainda se incorporarem à algum ente vivo, n'este perpetuo circular da materia, que tem por centro a vida. Estas ultimas considerações parecem mostrar, não só que os elementos materiaes obedecem à uma força diversa da affinidade chimica dos corpos brutos, mas tambem que esta affinidade não é destruida, mas apenas suspensa temporariamente. A materia inorganica tende sempre, na economia, á produzir combinações binarias; a força vital impede que ella tome esta direcção; faz mais, dá-lhe uma direcção muito diversa, faz-lhe executar movimentos em ourto sentido.

Quando uma causa qualquer de perturbação, ou seja physica ou chimica, exerce sua influencia sobre a economia, suppondo que esta se ache em todas as condições normaes, a força vital resiste quanto póde; e se a rapidez ou a intensidade da causa lhe não permite evitar o damno, trabalha para a reparação d'este. Si, por exemplo, um alto grau de temperatura, ou um frio intenso impressionaram, não de subito, mas gradualmente o organismo, este vae-se preparando na mesma proporção para resistir à esta acção insolita pela transpiração pulmonar e cutanea, em um caso, e pela actividade da calorificação no outro. Mas si esta impressão é subita, instantanea, a reacção apparece depois. « O frio que succede ao calor, diz o Sr. Londe, no seu livro de Hygiene, surprende a economia no trabalho destinado à resistir ao calor, isto é, derramando profusamente, para se desfazer do calorico, os liquidos perspiratorios; acha desapercibidas as origens do calor animal, cujo trabalho fôra em verdade excusado. Resulta de tudo isto uma aggressão contra a qual não poude a economia preparar resistencia. »

Si algum agente chimico, d'aquelles que, em razão da qualidade e da dóse, não modificam simplesmente as condições funcçionaes dos órgãos, mas tendem a destruí-las por sua acção deleteria, fôr posto em contacto com os tecidos vivos, observa-se ainda o mesmo phenomeno; a força vital resiste contra elle, si sua actividade é lenta e progressiva, até um certo limite, variavel

segundo as circumstancias individuaes, e segundo a natureza do agente; si, porém, aquella acção é intensa e rapida, a resistencia não é proporcional ao ataque; a força vital não pôde improvisar uma reacção, não tem tempo de se aperceber e precatar contra esta invasão inesperada, e por assim dizer, traiçoeira. Resta só o recurso, se ainda é possível de reparar o damno recebido.

A expulsão espontanea dos corpos estranhos deve tambem ser considerada como uma reacção da força vital, que por todos os meios de que pôde dispôr, os lança fóra da economia.

Não faltam exemplos de balas, escaras, sequestros, e outros corpos de diversa natureza, introduzidos, não só na espessura dos órgãos, como em cavidades naturaes, os quaes foram eliminados sem intervenção da arte. Os anaes da sciencia abundam em factos desta ordem. (6)

Assim como as materias nocivas originadas na economia, em consequencia de um estado morbido, e mesmo as que, no estado normal, constituem as secreções ou productos escusados, e até nocivos por sua prolongada presença no organismo, são por diversos modos eliminadas, assim tambem as que lhe vem de fóra, e que não são susceptiveis de lhe ser incorporadas, sem detrimento dos órgãos, são arrojadas para as partes periphericas, e desaparecem do circulo das funcções. É o que acontece em muitas doenças causadas pela introdução na torrente circulatoria de certos venenos, materias putridas, miasmas, &c. Estas causas de perturbação provocam uma serie de phenomenos reactivos, uma verdadeira conspiração, que tem por fim dar cabo de um funesto inimigo. A causa muitas vezes é de tal natureza, ou obra com tal intensidade, ou acha a economia em taes condições, que toda a energia vital é aniquilada em sua origem, ou consumida em esforços violentos; todo acto violento é seguido de perda de força, e esta perda tem limites circumscriptos, variaveis, como os individuos. D'este tumulto das funcções resulta a expulsão da materia morbifica, e a reparação dos damnos, que sua presença causara aos tecidos vivos.

Nas molestias agudas esta reacção contra a causa morbifica é muitas vezes funesta, porque o principio vital, tendo de proporcionar a resistencia à intensidade da causa, exhaure-se inteiramente. É o que se observa nas doenças que entram na grande classe das synergias (Trousseau) caracterizadas por uma relação accidental e pathologica entre um aparelho de vegetação ou de assimilação, e um systema de actos de enervação ou uma reacção vital. São verdadeiras unidades pathologicas. « Nas cachexias, porém, diz ainda este autor, esta unidade não existe: os phenomenos de vegetação unicamente ac-

(6) Vide Raspail. Histoire naturelle de la santé et de la maladie. T. 1.º p. 269 e 279.

cusam a molestia. Nas nevroses não se encontra a unidade das synergias pathologicas ou das febres; são o opposto das cachexias. Não apresentam senão symptomas ou actos dynamicos, e não signaes ou estados materiaes. Podem suspender a vida sem a menor alteração da substancia organica. »

« Uma molestia aguda, continúa o mesmo autor, é a que se termina, ou é susceptivel de terminar-se rapidamente, pela solução ou eliminação completa de sua causa proxima, depois de uma successão activa e não interrompida de phenomenos morbidos; chronica é aquella cuja causa e condições proximas de desenvolvimento, reproduzidas constantemente, não são de modo nenhum, ou são incompletamente, julgadas, o que póde acontecer de tres maneiras: 1.º Os esforços criticos e medicadores do organismo não eliminam o principio morbifico, sinão temporariamente (molestias chronicas compostas de accessos agudos). 2.º Esta reacção offerece apenas um desenvolvimento de forças, lento, interrompido, insufficiente e sem relação com o estado morbido ou a cachexia (molestias chronicas mixtas ou affectivas.) 3.º Não consiste exclusivamente a reacção, senão em actos dynamicos ou nervosos, sem coordenação, sem poder critico, na ausencia de todo vicio apreciavel da materia (nevroses). 4.º Em fim, apenas se observa signaes de uma alteração mais ou menos gradual, *totius substantiæ*, sem symptomas evidentes. » (7)

É nas molestias agudas que a reacção da força vital se mostra com mais intensidade, esta reacção dirige-se á um fim determinado, à eliminação da causa proxima.

Esta eliminação comprehende alguns dos phenomenos, que os antigos chamaram crises, às quaes se não dá hoje um sentido tão geral como o que lhes dava Hippocrates. Muitas vezes se tem confundido com uma crise, um symptoma ou uma molestia concomitante. A observação tambem mostra que a crise não é indispensavel á cura, nem muitas vezes favoravel, pois que ha crises salutaes, e crises funestas, o que favorece a opinião dos que pensam, que os phenomenos criticos são effeito e não causa da cura das doenças. Mas tambem è verdade que apoz algumas evacuações ha allivio manifesto, e até o desaparecimento da molestia, e que esta reaparece si aquella è interrompida. O serem os productos da crise differentes dos que a economia elimina em seu estado normal, è uma das principaes razões dos que sustentam a opinião contraria.

A questão das crises està ainda rodeada de muita obscuridade, talvez porque as theorias oppostas imaginadas para explicar os phenomenos que en-

(7) Trousseau et Pidoux e *Traité de Thérapeutique* p. 228, 2.ª edic. (Bruxellas.)

tram n'esta categoria, passam muito além do que nos ensina a observação. A existencia dos phenomenos criticos é cousa, que não admite a menor duvida; mas determinar rigorosamente qual a influencia que elles exercem no exito da molestia, é cousa impossivel no estado actual dos nossos conhecimentos, não só porque aquillo que se deve entender por crise, não é cousa definitivamente averiguada, pois que este nome é applicado á cousas diversissimas, desde a exhalção das membranas mucosas e serosas, e das erupções cutaneas mais simples, até aos abcessos, paralyrias, convulsões e gangrena, como tambem porque muitos d'estes phenomenos individual e separadamente considerados, não estão ainda completamente esclarecidos, apezar dos progressos da sciencia.

O que parece incontestavel è que algumas evacuações chamadas criticas, não só coincidem com a transição do estado morbido para o normal, mas até se effectuam antes que esta transição se manifeste, o que é para muitos praticos um signal precursôr da feliz terminação de certas molestias. Ora, reputando-se a crise effecto e não causa do restabelecimento da saude, não deveriam os phenomenos criticos differir dos que normalmente se passam. Pensando-se, pelo contrario, que a crise é a causa da cura, como explicar o serem certos phenomenos criticos favoraveis em uma epocha da mesma molestia, e desfavoraveis em outra? Porque saram muitos doentes sem crise apparente, mesmo em doenças de character inflammatorio e febril? Por qual das duas theorias oppostas se poderá explicar a crise por transporte de inflamação ou metastase? Parece que seria mais justo crer que a crise acompanhada de eliminação, è antes um meio, uma condição do que a causa ou o effecto da cura. Nas molestias causadas pela introdução de um principio morbifico na economia, a reacção febril que resulta, as evacuações, que se fazem por qualquer ponto do organismo, não podem ser tidas na conta de causas do restabelecimento da saude, do mesmo modo que o não podem ser a extracção de um corpo estranho, nem a extirpação de um tecido degenerado; estas operações são uma condição da cura, e não a causa d'ella.

Na multidão dos phenomenos criticos apontados pelos autores, ha muitos, como ja dissemos, que são symptomas de molestia ou a molestia mesma, como, por exemplo, certas especies de convulsões, paralyrias, gangrena, &c. Esta confusão de phenomenos tão diversos comprehendidos na mesma categoria, é devida àquelles medicos, que queriam achar crises por força em todas as molestias. A eliminação de productos morbidos, ou de principios nocivos introduzidos accidental ou experimentalmente na economia, è uma verdade demonstrada pela observação.

Quando è introduzido na economia um principio morbifico, o alcool, por

exemplo, è absorvido pelos vasos, vae pôr-se em contacto com todos os tecidos, e modifica-os á seu modo; desperta-se uma febre proporcional à intensidade da causa, e á susceptibilidade idiosyncrastica do individuo. Em breve sae o alcool pela exalação pulmonar, pelas ourinas e pelos suores, e tudo entra na regra, uma vez que foi eliminada a causa. Tem a febre n'este caso a incontestavel utilidade de modificar os phenomenos intimos de secreção, e de pôr o organismo nas melhores condições para desfazer-se dos productos morbidos, que o embaraçavam. Para nós, como para a eschola hippocratica, a febre è sempre uma condição de cura d'estas molestias, a condição, *sine qua non*, da cocção morbifica. (8)

Toda esta reacção, todo este trabalho, à que se dá a economia para livrar-se de um agente inimigo, devem ser considerados como esforços do poder vital. Este poder, porém, não tem a mesma energia em todos os individuos, nem no mesmo individuo nas diversas phases e condições da sua existencia, d'onde provem que a mesma causa, actuando com a mesma intensidade, produzirá effeitos differentes, provocará diversos graus de reacção e até nenhuma, segundo uma multidão de circumstancias accidentaes.

A força medicatriz não è, como ja dissemos, uma força particular, è a propria força vital, aquella que anima o germen fecundado e o leva a perfeição, a que póde attingir o corpo humano, que o conserva nos diversos periodos da vida, que o protege contra os ataques dos agentes exteriores, e que repara as perdas e danos produzidos por elles. Tal è o modo porque concebemos a força medicatriz da natureza.

Quanto aos epithetos de—previdente, sabia, intelligente, &c., que teem sido applicados à força medicatriz, não cremos que elles devam ser tomados na sua genuina significação, considerando esta força, como si fôra dotada de intelligencia, sabedoria, &c., que são attributos de outra potencia superior e mais nobre; não se deve confundir cousas que nem ao menos se assemelham, à maneira de Stahl, para quem, o que chamamos hoje força vital, era a propria alma intelligente, que dirige nossas operações intellectuaes, dotada de memoria, liberdade, &c. Não, a força vital não è intelligente, nem sabia, nem previdente, nem livre nos seus actos; intelligente, sabio, previdente e livre è o Supremo Poder, que marcou o programma da sua maravilhosa tarefa. A força vital è forçada e cega em suas operações; não póde ser sabia, porque a sabedoria suppõe uma intelligencia, e esta a vontade e a liberdade, cousas que não se podem conceber separadamente. O que distingue os entes,

(8) Trousseau et Pidoux. obr. cit. p. 680.

que gozam d'esta trindade racional, è a variedade, a inconstancia dos actos, mas a força vital è invariavel nos seus, è um instrumento a que a Sabedoria Infinita imprimiu o primeiro impulso em uma direcção determinada, e que só por influencias estranhas pôde arredar-se de algum ponto do programma pre-delineado pela mão do Creador. As operações vitaes presuppõem uma intelligencia, assim como a presuppõe a feitura de uma estatua, ou de um painel; mas nem por isso admiramos o cinzel nem o marmore, nem o pincel nem as tintas; não attribuímos ao instrumento a gloria do operario.

A força medicatriz, por tanto, ou a força vital, resistindo às causas morbi-ficas, obra sem consciencia, porem não sem um fim, e ao acaso; os enthusias-tas do vitalismo ou do espiritualismo mal entendido, revestiram-na com os attributos da intelligencia e espiritualidade, antes por opposição ás invectivas dos que querem tudo materialisar, do que por uma especie de metonymia ora-toria, mal cabida por certo em matéria de tal gravidade. O exclusivismo dos systemas em medicina traz sempre consigo este grande mal, que é obrigar os que se lhes oppoem acollocar-se no extremo opposto. Os exclusivistas, par-tindo para pontos oppostos, passam pela verdade, sem a enxergar, viram-lhe as costas, e affastam-se d'ella por cada passo que dão.

Resta-nos accrescentar algumas palavras acerca do instincto conservador.

Si á alguma cousa se pôde comparar a força vital, é ao instincto. O carac-ter que distingue os actos instinctivos dos racionaes ou intellectuaes, é que aquelles não são resultado de imitação, de experiencia, ou do raciocinio, porque estas operações suppoem um juiso, escolha e preferencia. O instincto leva o animal irresistivelmente á praticar uma acção determinada, e sempre do mesmo modo, si um certo grau de intelligencia o não modifica.

Alguns autores admittem no homem um instincto conservador no estado de molestia, como no de saude, o mesmo que obriga os animaes a procurar certas especies de substancias, de que se nutrem exclusivamente no estado de saude, e outras com que se curam nas suas enfermidades.

Como è principalmente sobre os orgãos digestivos, que o instincto exerce o seu imperio, porque a ramificação do systema nervoso ganglionario ou sym-pathico ahi fazem principal figura, suas affecções se relevam por appetites diversos. (9)

Mas si os appetites, muitas vezes extravagantes, que se manifestam em cer-tas doenças, devem ser attribuidos ao instincto conservador, tambem o de-vem ser a aversão e repugnancia para certos alimentos, &c. Ora estes appe-

(9) Virey obr. cit. p. 546.

tites e aversões não são, na mor parte dos casos, senão o resultado da perversão do gosto, e não a manifestação de uma necessidade da economia. Os autores que legitimam esta especie de appetites e caprichos, citam exclusivamente um grande numero de casos em que a satisfação d'elles foi seguida de bom resultado; mas não seria difficil achar bom numero de exemplos em contrario; não ha talvez um só pratico que não tenha visto a infracção dos preceitos dieteticos levar ao tumulto doentes accommettidos de molestias pouco graves, e até em convalescença, por terem satisfeito um d'estes appetites. Estes desejos são muitas vezes resultado de preconceitos, como, por exemplo, o de se persuadir o doente que só um certo alimento ou uma certa droga lhe fará bem, &c. Si alguma vez estes appetites e desejos extraordinarios são seguidos de bom exito, não deve por isso o medico intelligente tomal-os por verdadeiras necessidades do organismo, porque então se tornaria mais funesto que util à humanidade.



IV.

L'observateur profond et sage rencontrera une foule de maladies pour la solution des quelles la nature se suffit le plus souvent elle même, et l'événement prouvera combien il est vrai de dire, avec Franck et Tissot, que le sublime de l'art est sovent de savoir s'abstenir.—(FORGET—*Du tact médical*—*Gazet. méd.* n. 6 1850—p. 111).



ADMITTIDA a existencia de uma força que preside aos phenomenos da vida, que dirige todas as funções á um fim determinado, e que, no estado de molestia manifesta diversos actos tendentes ao restabelecimento da saúde, resta-nos agora fazer alguns applicações, no que seremos breve, por não ultrapassar os limites em que havemos encerrado o plano d'este escripto.

A therapeutica, segundo se exprime o Sr. Chomel, é a arte de modificar a acção intima dos órgãos, para obter a cura ou o allivio das molestias. As ideias d'este autor á cerca da cura, e, por consequencia, do que faz a natureza ou a arte, são pouco mais ou menos as seguintes. A cura é uma mudança intima que se opera em nossos órgãos, subordinada á potencia que preside aos phenomenos da vida; é esta potencia que effeutua a cura; mas como ella possa encontrar embaraços ao seu livre exercicio, ou circumstancias que a favoreçam, a arte concorre ao restabelecimento da saúde por dois modos: 1.º dando aos esforços da natureza a direcção e medida que mais convem; 2.º desviando os obstaculos, e aplainando as difficuldades que por ventura possam estorvar á que elles se executem. Portanto, para o Sr. Chomel, tratar uma molestia, não é mais do que arredar tudo o que sobre ella possa exercer alguma influencia contraria, e reunir todos os meios apropriados para encurtar-lhe a duração, e diminuir-lhe a intensidade. Diz ainda o mesmo autor, que a maior parte das molestias são susceptiveis de ser curadas sem tratamento activo, só pela actividade da natureza, e que tanto na cirurgia como na medicina, a therapeutica não faz, na maioria dos casos, senão favore-

cer a acção da natureza, a unica que possa reduzir ao estado são uma viscera inflammada, cicatrizar uma ferida, e reunir os fragmentos de um osso fracturado.

Ninguem se persuada, todavia, que estas ideias do Sr. Chornel, ou as que precedentemente havemos exposto, diminuam em alguma cousa o valor da arte. A natureza, por si só, não é sufficiente para tudo, mas a arte sem a natureza nem sequer poderia existir. Alguns medicos, porém, pensam differentemente; desvanecidos pela excellencia de seus methodos therapeuticos, fascinados por um cégo orgulho, guardam para si toda a gloria do triumpho, como si na parte que realmente lhe cabe, não tivesse o medico menos modesto de que gloriar-se à vontade. Guardemo-nos, comtudo, de cahir no extremo opposto, e esperar que a natureza faça tudo à noŝso contento; a demasiada actividade que vae até à precipitação, e a demasiada prudencia, que chega até à inercia, são dois escolhos igualmente perigosos, em que naufragam os enthusiastas exclusivos da medicina *activa*, e os da medicina *expectante*; os primeiros porque perdem de vista a natureza, os segundos porque se esquecem da arte, uns e outros porque se deslembram da sua missão.

Não é, por certo, cousa indifferente para o medico practico o admittir ou não uma força medicatriz, porque o seu modo de proceder não será o mesmo em um ou outro caso: no primeiro não depositará elle toda a sua confiança na arte somente, porque, não só conhece que são muitas vezes escusados os meios que ella lhe ministra, mas tambem que poderiam elles em muitos casos causar mais damno que proveito; no segundo attacará a molestia com as mais valentes armas do seu arsenal therapeutico, porque é d'arte, e d'ella somente, que lhe pôde vir o triumpho. No cabo d'estes dois extremos ha dois males, cada qual mais funesto: em um o de deixar a economia exhaurir todas as suas forças inutilmente em uma luta, que a pôde levar à sua ruina, em vez de destruir o mal directamente, ou ajudal-a á vencel-o; em outro, o de não respeitar os esforços salutaes, quando estes poderiam bastar por si sós, ou coadjuval-os no caso opposto; o abater até á prostração total, as forças de que o organismo necessita, causando nas funcções uma perturbação, uma desordem, muitas vezes mais funesta do que a propria doença. São igualmente viciosos estes dois modos de proceder, considerados absoluta e exclusivamente. O medico deve usar de um ou outro segundo convem ou não abster-se de intervir com os meios que a arte lhe fornece; é n'isto que consiste todo o segredo e ao mesmo tempo toda a difficuldade da therapeutica. (1)

(1) The modern triumph of our art is more in the happy forbearance exemplified in our negative than in the positive success of any heroic remedy. (*Bushman*).

Não ha em medicina systema algum exclusivo, que possa accommodar-se à toda especie de casos, porque todos os systemas que dominam a therapeutica, teem por base um defeito original, um erro de logica, que consiste em generalisar alem de toda medida as ideias particulares, e estabelecer leis geraes sobre factos individuaes. A louca pretensão de abranger com uma só theoria todos os factos da pathologia e da therapeutica, està hoje quasi inteiramente esquecida, e todos os espiritos parecem convergir para as particularidades, cansados ja de disputas estereis, e de discussões sem proveito para a humanidade. O Sr. Piorry é de opinião, que devemos antes applaudir do que lamentar o não haver hoje uma doutrina geral, o que nos livra de perdermo-nos em theorias ambiciosas e vãs. (2)

Pouco importaria, porém, que em medicina reinasse esta ou aquella doutrina, e que os medicos disputassem eternamente à cerca do modo de interpretar os factos da pathologia, e da therapeutica, si da anarchia das theorias não resultasse a anarchia da practica, e si a humanidade afflicta, qual victima ligada ao poste do soffrimento, não estivesse exposta, por cumulo de infortunio, aos açoites dos systematicos desvairados. Alem d'este grave mal resulta ainda outro do reinado absoluto d'este ou d'aquelle principio geral, e é o de acostumar-nos à ver todas as cousas atravez de um prisma favorito, e regeitar, *in limine*, todos os resultados da observação, que nos parecem contrarios às ideias adoptadas, o que é sempre mais facil, e apparentemente menos desairoso do que fazermos no altar da verdade o sacrificio dos nossos erros: recusam-se à isto o orgulho e a vaidade, porque julgam enxergar o vulto de *alguem*, que por detraz d'este altar tome para si as honras do holocausto.

O *physiologismo* não vê nas molestias senão irritações, ou perturbações explicaveis pela funcção do orgão affectado. Aqui não ha limite sensivel entre a physiologia e a pathologia; a molestia é um simples accidente, e a therapeutica fica reduzida à um ramo da hygiene, isto é, à desviar os modificadores excitantes, ou a empregar algum agente cuja acção se explique pelas leis da physiologia; mas em todo caso é necessaria a intervenção do medico, é urgente desvanecer o foco de irritação e o meio mais conveniente é a sangria geral ou topica. O *organicismo* não vê nas molestias senão lesões de orgãos, n'estas lesões não vê mais do que inflammações ou resultados d'ellas, e nas inflammações inimigos que combater com a maior energia, (*coup sur coup*) até os degolar (*juguler*) na phrase favorita d'esta eschola. Tal é a medicina intitulada *exacta* ou *iatro-mathematica*. É a medicina *racional* por excellencia, como a appellidam os seus partidarios.

(2) Traité de Pathol. iatrique. p. 40.

Para o *empirismo* as molestias são seres, especies naturaes perfeitamente caracterisadas; não ha necessidade de levar em conta os agentes exteriores na etiologia; basta conhecer uma molestia, distinguil-a de outra, como quem distingue duas plantas entre si, e procurar um especifico, que a experiencia ou o acaso fez descobrir. É mister suffocar a molestia como um reptil venenoso, mas quando falta o especifico reduz-se o medico á espectador tranquillo dos progressos do mal; quando não ha um febrifugo, um vermifugo, um *anti-spasmodico*, um *anti-apoplectico*, um *anti-dyssenterico*, &c, forçoso é dar por malogradas todas as esperanças.

O *hippocratismo*, ou *naturismo* considera as molestias como funcções pathologicas, nas quaes o organismo vivo elabora a materia morbifica para eliminar-a como à um corpo extranho. O medico limita-se a dirigir e a modificar esta funcção accidental quando ella se desvia da marcha ordinaria em consequencia de qualquer perturbação fortuita.

Eisaqui trez methodos therapeuticos geraes; o racionalismo physiologico, o empirismo e o naturismo, cada um dos quaes exclue os outros dois nos factos, que lhes servem de base, porque todas as molestias não são puros accidentes ou desvios do estado physiologico, nem unidades perfeitamente determinadas, nem funcções pathologicas, que sempre tenham por fim um resultado salutar.

Mas se cada um d'estes methodos oppostos é insufficiente, deverá por isso o medico adoptar um pouco de um e outro, e construir um triplice systema? Mas como conciliar cousas que mutuamente se excluem? É à pathologia, isto é, ao estudo das molestias, como ellas são realmente, e não como se suppõe que ellas sejam, que cabe a resolução do problema. Na mesma molestia podem existir a reacção, o elemento especifico, e a elaboração e a eliminação. Qual das trez cousas terá o medico em vista no tratamento? Si a therapeutica fornece um especifico, deverá elle despresal-o para combater os symptomas cada um de per si? Si não ha tal especifico, e os symptomas assustam por sua intensidade e desordem, deixará de acalmal-os, quando para isso tiver meios á sua disposição? Si nada d'isto existir, e a molestia caminhar, natural e regularmente, para uma terminação favoravel, não deverá abster-se de interromper-lhe a marcha? Certamente o medico practico será empirico, racional, e naturista, quando assim for mister, segundo o que lhe dictar a experiencia, ou segundo as indicações que lhe forem fornecidas pelo genero da molestia, pelas condições em que se achar o individuo, &c. Si tiveramos para a variola um remedio especifico, assim como temos um preservativo, deviam ceder-lhe a palma os meios empregados até hoje contra esta molestia.

O methodo natural, que não é menos *racional* do que nenhum outro que

melhor direito pareça ter á este nome, é o que imita as reacções medicatrizes da natureza: 1.º deixando-as à si mesmas, e pondo o organismo em circumstancias favoraveis ao seu desenvolvimento espontaneo, quando os phenomenos são regulares, moderados e sufficientes; 2.º abrandando sua violencia excessiva por diversas medicações temperantes, destinadas à reduzir a reacção a um grau compativel com a conservação da vida, e com a execução da função morbida; 3.º estimulando a inercia do systema nervoso, e levando-o por diversos meios ao nivel das precisões e necessidades da molestia, mantendo a febre, animando convenientemente os apparelhos de eliminação, dando em uma palavra ao organismo vivo as forças que lhe faltam para digerir suas causas materiaes, evacuar os productos, reparar as perdas e convalescer-se. (3) É o que ja tinha dito Sydenham:—*Hoc potissimum incumbit medico ut naturæ conatus effrænes coerceat, languidos excitet, inordinatos dirigat &c.* Mas, para que o medico possa proceder d'este modo, é mister que conheça e distinga todos os phenomenos morbidos, e os aprecie devidamente em cada periodo da molestia, é preciso que saiba quaes são as suas tendencias, e as modificações que lhe imprimem a constituição, a idade, e outras muitas circumstancias individuaes e locaes, que dão á mesma doença uma feição particular. Ainda isto não basta, é necessario que tenha de ante-mão calculado todo o alcance da acção do agente pharmacologico indicado, para poder proporcional-a às necessidades da economia.

Toda a cura, qualquer que seja o meio empregado, quaesquer que sejam as circumstancias em que se ache o organismo, suppõe necessariamente a intervenção da força medicatriz, mas a sua actividade não é a mesma em todas as molestias, nem na mesma molestia em todos os individuos; si ha casos em que ella, por si só, restabeleça a saúde, ha outros em que ella nada faz em favor do organismo; a força vital pôde deixar de ser *medicatriz*, e mesmo contribuir para a destruição de uma parte ou do todo. Com effeito a força medicatriz é, como ja dissemos, a propria força vital, que, por diversas operações, mantém a integridade organica e funcional; o termo *medicatriz* é-lhe applicado em consequencia de ser a cura de muitas molestias o resultado de seus actos. Mas é certo que a mesma operação vital, que em um caso favorece a cura, pôde, em outro, aggravar o estado morbido. A mesma força que preside à formação da cicatriz, apóz uma ferida dos tegumentos, ou á união das paredes de uma arteria ligada, preside egualmente à adherencia viciosa de dois dedos, em consequencia de uma queimadura, ou à que tem logar entre duas porções contiguas da pleura, e do peritonêu, quando estas

(3) Trousseau et Pidoux. Obr. cit. 3. edit. Introd.)

membranas se inflammam. A mesma força que promove a absorção de principios uteis à economia, e os elabora para servirem à assimilação, absorve e elabora os principios nocivos e heterogeneos; mas como estes não podem incorporar-se aos tecidos vivos, são eliminados do mesmo modo que os resultantes da decomposição da substancia organica, no acto da nutrição. D'aqui provem o accusarem muitos autores a força medicatriz de erro, ignorancia, e inconsequencia, porque outros a consideravam intelligente, previdente, e sabia. O Creador não nos dotou com uma força especial de resistencia ás cousas morbificas, e de reparação dos damnos, que estas produzem na economia. (4) O homem não foi creado para adoecer; o estado de molestia é puramente accidental e fortuito, não entra no programma da vida.

A força vital, portanto, pôde tomar direcções viciosas, e produzir movimentos funestos em vez de manifestar esforços salutaes; ella nem está sujeita à nossa vontade, nem a tem propria, nem obra com proposito de fazer bem ou mal. A *moralidade* de seus actos não existe senão em nosso espirito, quando os comparamos com o bem ou o mal que d'elles resulta, sem levarmos em conta as causas de perturbação que a desviaram da sua marcha ordinaria.

Só um estudo profundo e minucioso de cada genero de molestias poderá (guardadas as circumstancias que as modificam) habilitar o medico para avaliar quanto pôde fazer a força medicatriz em favor do organismo, e, por consequencia, até que ponto pôde a arte ajudal-a. Em um vicio qualquer do mechanismo, em uma lesão traumatica, em uma febre eruptiva, em uma cachexia ou em uma nevrose, os recursos da natureza não são os mesmos, nem o seu poder se circumscreve nos mesmos limites; em cada um d'estes casos a arte não usará da mesma actividade. O caracter, porém, d'este escripto não nos permite descer às especialidades, e analysar o que faz a força medicatriz em cada genero de molestias; contentamo-nos com os exemplos que havemos apontado em differentes logares d'esta Dissertação. O que temos por certo é que qualquer que seja o methodo therapeutico posto em practica no tratamento de uma molestia dada, a força medicatriz é sempre um dos factores da cura, algumas vezes o principal, e outras o unico mobil do restabelecimento da saúde.

Terminamos, aqui, sem o ter acabado, o assumpto que tomamos por objecto da nossa these. A materia é vasta e demanda muito talento, e muito estudo theorico e practico. Aos que possuirem estas cousas serà dado desenvolver, com gloria sua e proveito da sciencia, a importante questão, que es-

(4) Quæ faciunt in sano actiones sanas, eadem in ægro morbosas. (*Hippocrates*).

colhemos para servir de base ao nosso ultimo trabalho escolar. Faltando-nos a aptidão necessaria para empreza de tal ordem, esperamos, comtudo, que nossos Juizes nos desculparão ao menos da temeridade, levando-nos em conta os nossos esforços e bons desejos.— *Il ne faut tenir compte aux hommes que de leurs beaux efforts, et non de ce qui manque á leurs résultats.* (RASPAIL.)

Não podemos deixar a penna sem confessar a grande divida em que ficamos para com os nossos sabios e respeitaveis Mestres; fôramos por certo ingrato si, estranho no paiz e sem merito pessoal que nos recommendasse, não agradecemos aqui, á todos, e á cada um em particular, a benignidade e indulgencia que nos hão prodigalisado durante seis annos. Ao Ill.^{mo} Sr. Dr. J. DE S. VELHO agradecemos com especialidade o haver-se dignado tomar este escripto sob seus auspicios.



PROPOSIÇÕES

PHYSICA MEDICA.

Para medir a capacidade dos pulmões para o ar atmospherico, é preferivel o processo hydro-pneumatico de Abernethy ao numerico do Dr. Lyons.

BOTANICA MEDICA.

As propriedades historico-naturaes das plantas de nada servem ao medico para demonstrar, a priori, os seus effeitos sobre a economia animal.

A razão da differença das propriedades physicas e chemicas dos productos vegetaes não é a diversidade de composição dos materiaes absorvidos.

CHIMICA MEDICA.

Maiores serviços teria prestado a chimica á physiologia e á medicina, si, em vez de analysar o sangue como até agora o tem feito, se dêsse ao estudo da analyse comparativa d'este liquido em differentes sitios do systema circulatorio, e mesmo no parenchyma dos órgãos.

ANATOMIA.

Os nervos não se anastomosam.

As fibras nervosas primitivas são independentes e isoladas desde a sua origem até a sua terminação na peripheria.

PHYSIOLOGIA.

O vomito não é devido á um movimento antiperistaltico.

PATHOLOGIA INTERNA.

A divisão das hydropisias em activas e passivas, não é admissivel.

PATHOLOGIA EXTERNA.

A reparação das lesões traumaticas não é devida á assimilação.

A effusão de sangue não é util á cura das feridas por primeira intenção.

MATERIA MEDICA E THERAPEUTICA.

A divisão dichotomica dos medicamentos e das molestias, no contra-estimulismo, é um circulo vicioso.

MEDICINA OPERATORIA.

Nas feridas das arterias e nos aneurismas, a ligadura deve ser preferida á qualquer outro meio hemostatico.

Nas crianças deve a operação do labio leporino ser praticada o mais cedo possível.

No labio leporino duplo, deve-se praticar a operação em um só tempo.

PARTOS.

A má conformação da bacia não presuppõem necessariamente a impossibilidade, nem mesmo a difficuldade do parto.

A anæsthesia, em geral, não deve ser empregada na clinica obstetrica.

HYGIENE.

As quarentenas, os lazaretos e os cordões sanitarios devem ser riscados das medidas sanitarias empregadas contra a propagação da febre amarella.

Nada prova que a febre que reinou na Bahia em 1849—e 50, foi contagiosa.

MEDICINA LEGAL.

Ainda que o exame do cadaver de um recém-nascido prove que elle não respirou, e que nenhuma lesão exterior dê suspeitas de attentado contra a sua existencia, não deve o medico decidir, só por isso, que não houve infanticidio.

CLINICA CIRURGICA.

Na redução das luxações é mais util o emprego dos vapores anæsthesicos do chloroformio do que nas operações sanguinolentas.

É muitas vezes contra-indicado o mercurio no tratamento da syphilis.

CLINICA MEDICA.

No tratamento das molestias internas pelo methodo iatraleptico ou anatripsologico, não ha razão para se applicar o medicamento á um sitio da pelle correspondente ao orgão affectado, de preferencia á outros logares da periphèria do corpo.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Senes facillime jejunium ferunt; secundò ætate consistentes; minime adolescentes; omnium minime pueri; ex his autem qui inter ipsos sunt alacriores.

SECT. I. APH. 15.

II.

Æstate, et autumnò cibos difficillime ferunt; hyeme facillime; deinde vere.

SECT. I. APH. 18.

III.

Attenuata longo tempore corpora lente reficere oportet, quæ vero brevi, ce-
lriter.

SECT. II. APH. 7.

IV.

Impura corpora, quo magis nutriveris, eò magis lædes.

SECT. II. APH. 10.

V.

Qui solitos labores ferre consueverunt. etiamsi debiles fuerint aut senes, insue-
tis, robustis licet et juvenibus, facilius ferunt.

SECT. II. APH. 49.

VI.

A longo tempore consueta etiamsi fuerint deteriora, insuetis minus turbare so-
lent; oportet igitur etiam ad insolita se vertere.

SECT. II. APH. 50.

*Remettida ao Snr. Dr. Velho. Bahia 26
de Novembro de 1851.*

Almeida.

Vista. Bahia 27 de Novembro de 1851.

Velho.

Imprima-se. Bahia 27 de Novembro de 1851.

Almeida.